

Da relação avós-netos/as à Mediação Familiar: uma resposta educativa em contexto de ERPI

Márcia Sofia Martins Dantas

M

2023



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

Da relação avós-netos/as à Mediação Familiar: uma resposta educativa em contexto de
ERPI

Márcia Sofia Martins Dantas

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de
Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, para obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação, sob orientação da
Professora Doutora Sofia Castanheira Pais.

Porto

Resumo

O presente relatório intitulado “Da relação avós-netos/as à Mediação Familiar: uma resposta educativa em contexto de ERPI” insere-se no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação no domínio de Educação, Comunidades e Mudança Social: Envelhecimento e Intervenção Socioeducativa e reflete o processo de estágio desenvolvido por um período de quatro meses numa Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) na Cidade de Ermesinde.

Através deste estágio propus-me compreender as relações familiares entre avós e netos/as após a institucionalização em ERPI do ponto de vista dos seus impactos e necessidades. Cumulativamente, pretendia perceber a influência da família no processo de envelhecimento e de institucionalização e de que forma é que este acontecimento afeta as relações estabelecidas entre avós e netos/as. Posteriormente, explorei como é que esta ligação poderia ser fortalecida, especificamente no contexto estudado.

A minha intervenção suportou-se na observação participante, notas de terreno diárias, conversas informais com os/as utentes que se apresentaram como momentos espontâneos de partilha, mas também no acompanhamento do quotidiano laboral da equipa técnica no que respeita às suas funções, organização de tempos de trabalho dos/as utentes, bem como situações de apoio e necessidades diárias ocorridas. No que diz respeito à temática estudada, recorri à recolha de dados através das técnicas de entrevistas estruturadas e um grupo de discussão focalizada, os quais possibilitaram a dinamização de atividades de intervenção, com recurso a dinâmicas de grupo e que, posteriormente foram alvo de uma análise de conteúdo cuidada para sustentação do meu estudo.

Como principais resultados obtidos com o estágio e a investigação desenvolvida, foi possível perceber que, tanto os/as idosos/as como os/as netos/as entrevistados/as, na sua maioria, mencionam que as relações familiares não se alteram após a institucionalização, considerando que, em algumas situações podem até melhorar, em resultado de uma diminuição de preocupações com a alimentação, medicação e outros assuntos e um maior número de visitas. Considerando a informação obtida através do grupo de discussão focalizada realizado com profissionais, estes referem que não existem alterações significativas originadas pela institucionalização, mantendo-se a qualidade da relação antes e posteriormente a este acontecimento, seja ela positiva ou negativa.

No entanto, os/as idosos/as referem que gostariam que os familiares estivessem mais presentes, pelo que a minha intervenção se centrou nesta necessidade.

Com a minha permanência na instituição, e através do contacto direto com os/as utentes, foi possível perceber que sentem a falta de técnicos/as e atividades na instituição aos fins de semana, em resultado da monotonia que experienciam nestes dias da semana. Há também a referência por parte dos/as utentes da necessidade da existência de técnicos/as para realizarem um certo controlo do trabalho feito na instituição que não é monitorizado durante o fim de semana.

Esta experiência académica permitiu-me um maior conhecimento sobre a instituição social intervencionada no que diz respeito às suas dinâmicas e particularidades, mas também numa reflexão sobre as potencialidades da Mediação Familiar como resposta educativa num contexto como uma ERPI, que, por sua vez, me possibilitou um maior enriquecimento profissional enquanto especialista em Ciências da Educação.

Palavras-chave: Envelhecimento, ERPI, institucionalização, Mediação Familiar, intervenção socioeducativa.

Abstract

This report entitled “From the grandparents-grandchildren relationship to Family Mediation: an educational response in an ERPI context” is part of the Master's Degree in Education Sciences in the field of Education, Communities and Social Change: Ageing and Socio-educational Intervention and reflects the internship process developed over a period of four months in a Residential Care Home for Older Persons (ERPI) in the city of Ermesinde.

Through this internship, I set out to understand the family relationships between grandparents and grandchildren after institutionalisation in an ERPI from the point of view of their impacts and needs. Cumulatively, I intended to understand the influence of the family in the process of aging and institutionalization and how this event affects the relationships established between grandparents and grandchildren. Subsequently, I explored how this bond could be strengthened, specifically in the context studied.

My intervention was based on participant observation, daily field notes, informal conversations with users that were spontaneous moments of sharing, but also on the monitoring of the daily work of the technical team regarding their functions, the organization of the users' working hours, as well as situations of support and daily needs that occurred. With regard to the theme studied, I used data collection through structured interviews and a focus group discussion, which enabled the dynamisation of intervention activities, using group dynamics and which were subsequently subject to careful content analysis to support my study.

As main results obtained with the internship and the research developed, it was possible to see that, both the elderly and the grandchildren interviewed, in their majority, mentioned that family relationships do not change after institutionalisation, considering that, in some situations they may even improve, as a result of a decrease in concerns with food, medication and other issues and a greater number of visits. Considering the information obtained through the focus group discussion with professionals, they mentioned that there are no significant changes caused by institutionalisation,

maintaining the quality of the relationship before and after this event, whether positive or negative.

However, older people mentioned that they would like their relatives to be more present, so my intervention focused on this need.

With my stay in the institution, and through direct contact with the users, it was possible to realize that they feel the lack of staff and activities in the institution at weekends, as a result of the monotony they experience on these days of the week. There is also a reference on the part of users to the need for the existence of technicians to carry out a certain control over the work done in the institution which is not monitored during the weekend.

This academic experience allowed me to get a better knowledge about the social institution intervened in what concerns its dynamics and particularities, but also in a reflection on the potentialities of Family Mediation as an educational response in a context like an ERPI, which, in turn, allowed me a greater professional enrichment as a specialist in Educational Sciences.

Keywords: Aging, ERPI, institutionalization, Family Mediation, socio-educational intervention.

Resumé

Ce rapport intitulé “De la relation grands-parents-petits-enfants à la médiation familiale: une réponse éducative dans un contexte ERPI” s'inscrit dans le cadre du Master en Sciences de l'Education dans le domaine Education, Communautés et Changement Social : Vieillesse et Intervention Socio-éducative et reflète le processus de stage développé sur une période de quatre mois dans un Foyer d'Hébergement pour Personnes Agées (ERPI) de la ville d'Ermesinde.

Avec cette recherche, j'ai cherché à comprendre les relations familiales entre grands-parents et petits-enfants après l'institutionnalisation dans un ERPI du point de vue de leurs impacts et de leurs besoins. D'une façon cumulative, j'ai cherché à comprendre l'influence de la famille dans le processus de vieillissement et d'institutionnalisation et comment cet événement affecte les relations établies entre les grands-parents et les petits-enfants. Ensuite, j'ai exploré comment ce lien pouvait être renforcé, notamment dans le contexte étudié.

Mon intervention s'est le résultat de l'observation participante, les notes du quotidiennes, les conversations informelles avec les usagers qui étaient des moments spontanés de partage, mais aussi sur le suivi du travail quotidien de l'équipe technique concernant leurs fonctions, l'organisation du temps de travail des usagers, ainsi que les situations de soutien et les besoins quotidiens qui se produisaient. En ce qui concerne le thème étudié, j'ai utilisé la collecte de la information par le biais d'entretiens structurés et d'un groupe de discussion, qui ont permis de dynamiser les activités d'intervention, en utilisant la dynamique de groupe et qui ont ensuite fait l'objet d'une analyse de contenu minutieuse pour développer mon étude.

Comme principaux résultats obtenus avec la recherche développée, il a été possible de voir que, tant les personnes plus âgées que les petits-enfants interviewés, dans leur majorité, ont mentionné que les relations familiales ne changent pas après l'institutionnalisation, considérant que, dans certaines situations, elles peuvent même s'améliorer, en raison d'une diminution des préoccupations concernant la nourriture, les médecines et d'autres questions et d'un plus grand nombre de visites. En ce qui concerne

les informations obtenues lors des discussions de groupe avec les professionnels, ceux-ci ont indiqué qu'il n'y a pas de changements significatifs causés par l'institutionnalisation, maintenant la qualité de la relation avant et après cet événement, qu'elle soit positive ou négative.

Cependant, les personnes plus âgées ont mentionné qu'elles aimeraient que leurs enfants soient plus présents, et mon intervention s'est donc concentrée sur ce besoin.

Lors de mon séjour dans l'institution, et avec les usagers, j'ai pu me rendre compte qu'ils ressentent le manque de personnel et d'activités dans l'institution pendant les week-ends, en raison de la monotonie qu'ils ressentent pendant ces jours de la semaine. Les usagers font également référence à la nécessité d'avoir des techniciens pour effectuer un certain contrôle sur le travail effectué dans l'institution qui n'est pas surveillé pendant le week-end.

Cette expérience académique m'a permis d'acquérir une meilleure connaissance de l'institution sociale intervenue en ce qui concerne ses dynamiques et ses particularités, mais aussi une réflexion sur les potentialités de la Médiation Familiale comme réponse éducative dans un contexte comme celui d'un ERPI, ce qui, à son tour, m'a permis un plus grand enrichissement professionnel en tant que spécialiste en Sciences de l'Education.

Mots-clés: Vieillissement, ERPI, institutionnalisation, Médiation familiale, intervention socio-éducative.

Agradecimentos

A realização de um sonho como um curso superior tem um encanto especial, acompanhado de medos e dúvidas, mas é mais especial quando é partilhado com pessoas que nos apoiam e que nos dão a mão até ao fim!

Começo por agradecer àqueles que sempre me apoiaram, mesmo com todo o desconhecimento em relação ao curso e às minhas decisões, a minha família que me ensinou o significado de amor, felicidade e por me fazerem acreditar nos meus sonhos e objetivos. Um obrigada nunca vai chegar para vos agradecer tudo o que fazem por mim!

À minha orientadora, a Professora Doutora Sofia Castanheira Pais por todo o apoio e segurança para comigo durante todo este caminho, que lhe deu sentido e o tornou mais bonito.

Ao meu Rodrigo por toda a paciência, apoio incondicional e por ser casa e amor raro.

À minha Inês pelo apoio, momentos e por todos os eventos desmarcados para estudar.

A todos e todas as profissionais da instituição do meu estágio que me acompanharam diariamente, pela forma como bem me receberam e incluíram, em especial à Diretora Técnica, ao meu tutor e psicólogo e à Educadora Social pela ajuda, apoio e aprendizagens que me transmitiram. Foi um prazer ser a vossa “mascote” e aprender com os melhores!

A todos e todas as idosas da instituição por me receberem tão bem e partilharem comigo aquela que era a sua “casa”, as suas histórias e os seus ensinamentos.

Às minhas estrelinhas que não estão presentes fisicamente, mas que estão no meu pensamento e coração e contribuíram para aquilo que sou e acredito.

A todas as pessoas que de algum modo me pertencem e me completam, obrigada!

Lista de abreviaturas

ERPI – Estrutura Residencial para Pessoas Idosas

NT – Notas de Terreno

GDF – Grupo de Discussão Focalizada

Índice

Resumo	2
Abstract	4
Resumé	6
Agradecimentos	8
Lista de Abreviaturas	9
Introdução	14
Capítulo 1 – Caraterização do contexto de estágio e da Instituição	17
1.1. Contextualização da Cidade de Ermesinde	17
1.2. Caraterização da Instituição de Estágio	18
1.2.1. Plano de Atividades	22
1.2.2. Caraterização da população sénior residente	24
Capítulo 2 – Enquadramento teórico-conceptual	30
2.1. Envelhecimento	30
2.2. Relações familiares no envelhecimento: avós e netos/as	32
2.3. Relações familiares em contexto de ERPI	34
Capítulo 3 – Enquadramento metodológico	37
3.1. Opções metodológicas: métodos e técnicas de recolha de dados	37
3.2. Questões e cuidados éticos com a pessoa idosa	41

Capítulo 4 – Percurso de estágio: Construção de uma identidade, reflexões e constrangimentos	45
4.1. Entrada, integração e permanência na instituição	45
4.2. Acompanhamento da equipa técnica: desafios e aprendizagens	48
4.3. Conversas informais com os/as utentes	50
4.4. Intervenção com os/as utentes e os/as netos/as	51
4.4.1. Objetivos gerais e específicos da intervenção	52
4.4.2. Desenvolvimento da intervenção	53
4.4.3. Resultados da intervenção: análise das sessões e da avaliação com os/as participantes	55
4.4.4. Reflexão sobre a intervenção desenvolvida	57
Capítulo 5 – Institucionalização e relações familiares: análise de resultados	60
5.1. Institucionalização – representação(ões)	60
5.2. Relacionamento com familiares	63
5.2.1. Frequência de visitas e saídas	64
5.2.2. Mudanças no relacionamento familiar após a institucionalização	65
5.2.3. Relacionamento com os/as netos/as: impactos da institucionalização e necessidades	66
5.3. Contributos da ERPI	69
5.3.1. Estimulação e melhoria das relações familiares	70
5.3.2. Participação dos/as familiares nas atividades desenvolvidas pela ERPI	72
Capítulo 6 – O papel do/a especialista em Ciências da Educação: Envelhecimento e Institucionalização em ERPI	74

Conclusão	80
Referências bibliográficas	82
Referências webgráficas	85
Documentos Consultados	85
Apêndices	
Apêndice 1 – Consentimento informado da instituição	
Apêndice 2 – Consentimento informado das entrevistas aos/às utentes	
Apêndice 3 – Consentimento informado do grupo de discussão focalizada aos/às utentes	
Apêndice 4 – Consentimento informado das entrevistas aos/às familiares	
Apêndice 5 – Consentimento informado do grupo de discussão focalizada aos/às profissionais	
Apêndice 6 – Guião da entrevista aos/às idosos/as	
Apêndice 7 – Guião da entrevista aos/às familiares	
Apêndice 8 – Guião do grupo de discussão focalizada com os/as utentes	
Apêndice 9 – Guião do grupo de discussão focalizada com os/as profissionais	
Apêndice 10 – Tabela de dados para a caracterização dos/as utentes da instituição	
Apêndice 11 – Proposta de intervenção apresentada à Direção da instituição	
Apêndice 12 – Plano de Sessão da intervenção	
Apêndice 13 – Atividade realizada na intervenção “Brasão da nossa relação”	
Apêndice 14 – Avaliação da intervenção	
Apêndice 15 – Tabela de Categorias e Subcategorias (Análise de Conteúdo Notas de Terreno)	
Apêndice 16 – Tabela de Categorias, Subcategorias e Indicadores (Análise de Conteúdo Entrevistas Utentes)	
Apêndice 17 – Tabela de Categorias, Subcategorias e Indicadores (Análise de Conteúdo Entrevistas Familiares)	

Apêndice 18 – Tabela de Categorias, Subcategorias e Indicadores (Análise de Conteúdo
Grupo de Discussão Focalizada Profissionais)

Introdução

O relatório que se segue reflete o meu processo de estágio realizado numa ERPI (Estrutura Residencial para Pessoas Idosas) inserido no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação no domínio de Educação, Comunidades e Mudança Social: Envelhecimento e Intervenção Socioeducativa.

O Envelhecimento em Portugal é uma realidade cada vez mais sentida pelos índices estarem a aumentar e as respostas das instituições sociais são cada vez mais necessárias quando a família não tem a possibilidade de auxiliar o/a idoso/a:

“Com esta limitação por parte das mulheres e a não participação dos homens no apoio aos mais dependentes, o recurso a instituições exteriores à família é uma via quando os de mais idade deixam de ser independentes e não há condições de resposta por parte da família, ou seja, da (s) mulher (es).” (Veloso, 2009: 15).

Numa notícia publicada pelo Serviço Nacional de Saúde em 2020 aquando da Pandemia Covid19, existia em Portugal 2526 Lares e 99234 pessoas institucionalizadas, o que demonstra que é realmente uma necessidade da nossa população sénior.

O interesse pela população idosa institucionalizada começou a surgir ao longo do primeiro ano do Mestrado aquando da abordagem de diferentes temáticas relacionadas com o Envelhecimento e a temática da família em contexto de instituição também surgiu durante a apresentação de um trabalho em que se discutiu em grupo a presença ou não de crianças em Lares.

Desta forma, foi possível com a concretização do estágio compreender as dinâmicas, organização e modos de funcionamento de uma instituição de Terceira Idade e era importante também para mim perceber como era realizado o trabalho juntos dos/as idosos/as, principalmente no que diz respeito às atividades de animação, com o objetivo de perceber os possíveis lugares de um/a profissional em Ciências da Educação no trabalho com a população idosa.

Face ao exposto, o relatório encontra-se estruturado em 6 capítulos que pretendem dar conta do trabalho realizado junto da instituição.

O primeiro capítulo intitulado “Caraterização do contexto de estágio e da Instituição” aborda algumas caraterísticas da cidade onde está localizada a instituição e

descreve de forma pormenorizada o Lar e as atividades realizadas e caracteriza os/as utentes que vivem na instituição.

O segundo capítulo diz respeito ao “Enquadramento Teórico” e trata as temáticas mais relevantes para uma melhor compreensão da realidade relativamente ao processo de envelhecimento e às relações familiares estabelecidas nesta fase de vida e em contexto de ERPI.

No capítulo terceiro, intitulado de “Enquadramento Metodológico”, são referidas as opções metodológicas adotadas e técnicas de recolha de dados, assim como as questões éticas tidas em consideração no trabalho realizado com os/as intervenientes, tanto no processo de estágio como na realização da investigação e intervenção.

O capítulo quatro, denominado “Percurso de estágio: Construção de uma identidade, reflexões e constrangimentos”, apresenta o meu caminho pelo estágio, o acompanhamento da equipa técnica e dos/as utentes relativamente às conversas informais realizadas que permitiram obter conhecimentos e aprendizagens relevantes para este processo. É também referida a intervenção que foi realizada, bem como os resultados obtidos com a mesma.

Já o quinto capítulo “Institucionalização e relações familiares: análise de resultados” espelha os resultados obtidos com as entrevistas realizadas aos/as utentes e netos/as e com o grupo de discussão focalizada com os/as profissionais sobre as relações familiares estabelecidas e o contributo da ERPI para a estimulação e melhoria dessas relações, assim como a realização de atividades que permita a aproximação da família.

Por fim, o capítulo seis, designado de “O papel do especialista em Ciências da Educação: Envelhecimento e Institucionalização”, é um capítulo essencialmente reflexivo sobre os resultados obtidos com este processo, principalmente em relação à investigação e intervenção realizadas, numa lógica de refletir sobre o trabalho do especialista em Ciências da Educação numa instituição destinada ao cuidado à Terceira Idade. Pretende-se também refletir sobre potencialidades e necessidades da instituição, de forma a conceder sugestões e propostas de melhoria que possam ir de encontro ao que foi observado e trabalhado durante o estágio.

Ainda que o relatório respeite esta estruturação, as notas de terreno surgem já nos capítulos iniciais, apesar de só serem abordadas no Capítulo 3, destinado ao

Enquadramento Metodológico, porque é minha pretensão que todo o relatório comunique com as notas de terreno de forma a convocar toda a riqueza do contexto que foi explanada nestas notas e me ajudaram a compreender, refletir e anotar momentos significativos que dão sentido a todo este relatório.

Capítulo 1 – Caraterização do contexto de estágio e da Instituição

O processo de estágio ocorreu numa Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) na Cidade de Ermesinde que presta serviços sociais à população idosa. O presente capítulo apresenta a caraterização da cidade onde se situa a instituição, do contexto de estágio, da população residente e faz referência ao Plano de Atividades.

1.1 – Contextualização da Cidade de Ermesinde

Elevada a cidade em 1990, Ermesinde é situada na zona Norte, no Distrito do Porto, no Concelho de Valongo e é atravessada pelo Rio Leça.

Segundo os últimos Censos de 2021, a cidade tem 39,095 habitantes, sendo uma das mais populosas do Concelho, apesar de ser a mais pequena em área (7,65 km). Provida de bons serviços, acessibilidades e atividades, Ermesinde pode ser caraterizada como uma cidade-dormitório, escolhida pelos seus habitantes para morar pela proximidade ao Centro da cidade do Porto onde muitos deles exercem a sua atividade laboral.

Relativamente às suas infraestruturas, Ermesinde dispõe de centros de saúde, escolas, autocarros, comboios e autoestrada. Serve também a sua população com monumentos culturais e de interesse da mesma que são muitas vezes apreciados por quem os visita como: Vila Beatriz, Fórum Cultural de Ermesinde, Igreja Matriz de Ermesinde, Parque Urbano, entre outros.

Em 2020, Ermesinde instalou no Parque Urbano a maior árvore de Natal do país que é uma atração anual nesta época festiva.

É de ressalvar a Estação Ferroviária de Ermesinde que permite uma rápida deslocação até ao Centro do Porto e liga a cidade a outros destinos do interesse dos seus habitantes. A estação é muito utilizada pela população mais idosa que ocupa aquela zona durante o dia para conversar e jogar.

No que diz respeito às festividades, ocorre na cidade o Carnaval com o típico “Enterro do João”, a Romaria de Santa Rita, as Festas em honra de São Lourenço e a

Noite Branca e dos Bombos que atraem muitas pessoas à cidade para celebrarem e conviverem.

1.2. Caraterização da Instituição de Estágio

O estágio realizou-se numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que, de acordo com a Segurança Social, se caracterizam por serem instituições

“(…) sem finalidade lucrativa, constituídas exclusivamente por iniciativa de particulares, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de justiça e de solidariedade, contribuindo para a efetivação dos direitos sociais dos cidadãos, desde que não sejam administradas pelo Estado ou por outro organismo público” (Segurança Social, 2023).

Esta instituição social tem valência de creche, jardim de infância, ATL e também apoio domiciliário e residencial a idosos. Este último caracteriza-se por ser uma Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) que segundo o Guia Prático de Apoios Sociais para Pessoas Idosas do Instituto da Segurança Social (2017) se apresentam como uma resposta social para idosos de alojamento coletivo e utilização temporária ou permanente e pretendem responder à problemática biopsicossocial das pessoas idosas, estimular o processo de envelhecimento ativo, criar condições de preservação e incentivo à relação intrafamiliar e potenciar a integração social.

Segundo o Regulamento Interno, o Lar é um equipamento residencial para a terceira idade fornecido à população de Ermesinde que acolhe pessoas com mais de 65 anos com níveis de dependência e falta de autonomia e sem condições de permanência nas suas residências. Os/as utentes têm de ser residentes na Cidade de Ermesinde ou com alguma ligação à cidade que justifique a integração na ERPI, podendo ser admitidas pessoas de outras cidades através das vagas existentes pela Segurança Social visto que os critérios de admissão não estão relacionados com a localização geográfica da instituição. Podem também ser admitidas exceionalmente pessoas com idade inferior a 65 anos se a sua situação económica, social ou de saúde assim o exigir.

Para realizar a inscrição, é necessário preencher a Ficha de Inscrição do Lar com dados de identificação do/a utente e das pessoas mais próximas, bem como os seus contactos, o motivo do pedido de inscrição, a situação económica do Agregado Familiar

e uma simulação da mensalidade. Nesta ficha também estão presentes informações sobre a dependência do utente, as suas condições habitacionais, observações, contactos estabelecidos após a inscrição e as devidas assinaturas. Juntamente com esta ficha, é necessário apresentar os seguintes documentos: Bilhete de Identidade ou Cartão de Cidadão, cartão de contribuinte, cartão de beneficiário, cartão de utente do Serviço Nacional de Saúde, cartão de eleitor, cartão de sócio dos Bombeiros Voluntários de Ermesinde, cartão de sócio da instituição, documentos que comprovem os rendimentos, declaração médica em como não é portador de doença infectocontagiosa, historial clínico e descrição da medicação. Esta documentação é posteriormente incluída no Plano Individual do/a utente.

A instituição tem capacidade para 56 utentes, com 26 quartos duplos e dois individuais. Todos os quartos são equipados com casa de banho e dispõem de televisão, roupeiros e mesas de cabeceira normalmente compostas por fotografias de familiares e pertences de elevada importância para os/as utentes, apresentando-se o quarto como a divisão onde se sentem mais confortáveis, apesar de terem de partilhar aquele espaço com outros pares, aspeto que origina conflitos e desconfortos aos/às idosos/as quando não estão satisfeitos/as com o/a companheiro/a de quarto.

Relativamente às infraestruturas, na entrada da instituição encontramos a tesouraria, a secretária do porteiro, umas escadas de ligação ao andar superior, a cozinha e uma sala de refeições que é utilizada maioritariamente pelos/as funcionários/as durante as refeições, pelo que já não é frequentado pelos/as utentes pela falta de mobilidade de muitos/as deles/as porque esta sala encontra-se a uma grande distância da sala onde os/as utentes costumam estar habitualmente.

Quando entramos na área restrita, encontramos a sala de visitas, os escritórios dos serviços administrativos, recursos humanos, contabilidade e da chefe de serviços, o gabinete da Diretora Técnica, um salão de beleza onde se realizam os cortes de cabelo e barba, bem como outros cuidados necessários e onde também se encontra um cabide de colocação de batas. O gabinete de enfermagem, a enfermaria, a sala de isolamento profilático e as casas de banho de funcionários localizam-se igualmente neste piso. É possível encontrar também a capela, muito frequentada pelos/as utentes e que se afirma como um espaço muito importante para os/as idosos/as para rezar o terço e terem um momento religioso quando não podem/quêrem ir à missa. As casas de banho dos utentes

(de senhoras, senhores e portadores de deficiência) também se localizam neste piso, próximas do salão em que normalmente costumam fazer as refeições e estar durante o dia. Neste salão está a copa em que se preparam as pequenas refeições como os pequenos-almoços e os lanches, as mesas de realização das refeições e existem também sofás, cadeirões e televisões para os/as utentes assistirem. Neste salão também existe um canto com mesas, cadeiras e um quadro em que se realizam atividades quando os grupos são divididos e onde os/as idosos/as podem jogar cartas, dominó ou algo que seja do seu interesse, ocorrendo várias dinâmicas no mesmo espaço.

Com o tempo de permanência no contexto, apercebi-me que os lugares estão quase que “marcados” porque estão associados a cada utente, tanto nos sofás/cadeirões como nos lugares das refeições, originando conflitos quando alguém ocupa um lugar que não é “seu”, como expressei numa nota de terreno quando os/as técnicos/as alteraram os lugares:

“Quando a Doutora chegou, perguntei se tinha corrido bem a mudança e ela disse-me que o Senhor M. não gostou da mudança e o Senhor J. tinha reclamado a dizer que isto agora era uma Ditadura e ele não podia estar onde queria. Assim se percebe que os/as utentes resistem muito à mudança e muitas vezes não compreendem certas decisões que são tomadas” (NT42).

Esta seleção de lugares denota-se que transmite um maior conforto aos/às utentes e permite aos profissionais perceber com maior facilidade alguma ausência.

É através deste salão que podemos aceder ao ginásio, espaço onde se realizam grande parte das atividades e ginástica e que frequentei maior parte do meu estágio, tanto para a realização das atividades juntamente com o Psicólogo como para estar a trabalhar fora do tempo das atividades por ser o espaço que também é frequentado pelo Psicólogo e pela Educadora Social, permitindo uma interação constante entre todos, fundamental para uma melhor realização do trabalho por ser mais positivo do que se ambos utilizassem os seus gabinetes que os afasta das dinâmicas diárias da instituição e dos/as utentes. A disposição das mesas neste ginásio é em U o que facilita muito a interação entre utentes e a sua acomodação nas cadeiras. Também neste espaço existe um outro mais pequeno utilizado anteriormente como gabinete, mas durante a minha permanência na instituição, passou a servir para guardar todo o material necessário para a realização das atividades.

No piso de cima, encontramos os quartos divididos em três alas, em que na ala um estão os acamados e as pessoas mais autónomas encontram-se na sua maioria na ala 2 e 3, apesar de haver utentes autónomos/as também na ala 1. Também existe neste piso uma sala em que a roupa é separada e arrumada pela roupeira e encontramos também três salas compostas por sofás, cadeirões, televisões e mesas e que são frequentadas por utentes que normalmente não se deslocam ao piso de baixo. É neste piso também que estão os cacifos das ajudantes e auxiliares e o gabinete do Psicólogo que é pouco frequentado pelo mesmo porque está a uma grande distância do salão onde está a maioria dos/as utentes diariamente.

No que diz respeito à alimentação, o Lar fornece o pequeno-almoço, reforço alimentar da parte da manhã, almoço, lanche, jantar e reforço na hora de deitar.

Fornece também cuidados de enfermagem com prestação de apoio contínuo ao nível da medicação, lesões, e todos os cuidados precisos, bem como um apoio às deslocações ao exterior principalmente a consultas quando a família está indisponível. O cuidado da roupa através da lavandaria e da roupeira é outro dos serviços disponibilizado aos/às utentes.

Na parte exterior é possível usufruir de um bom espaço verde com árvores de fruto e tem também cadeiras exteriores para os/as idosos/as utilizarem quando quiserem.

As visitas são permitidas todos os dias das 10h às 22h e normalmente são marcadas na agenda quando os/as familiares ou amigos/as ligam para a instituição para proceder à marcação e acontecem na sala de visitas e, se estiver bom tempo, podem ocorrer na parte exterior do Lar.

Em relação à equipa técnica que integra o Lar, esta é constituída pela Diretora Técnica, uma Educadora Social e um Psicólogo. Na área da saúde, dispõe de quatro enfermeiras, uma médica e tem também um professor de Educação Física. Já a equipa operacional é constituída por uma encarregada de serviços, vinte e duas ajudantes de ação direta, quatro auxiliares de serviços gerais e uma roupeira.

Na Política da Qualidade da Instituição, é defendido o desenvolvimento da comunidade de Ermesinde através da melhoria da sua qualidade de vida e igualdade de oportunidades. É descrito também que, para o alcance do sucesso, é essencial a criação

de confiança, autonomia e liberdade que permita às pessoas ultrapassarem os problemas que vão enfrentando.

É assim notória a preocupação com a população desta cidade que detém um nível de confiança muito elevado nesta instituição como defendido pelo Psicólogo aquando da realização do grupo de discussão focalizada com os/as profissionais: “(...) há uma confiança muito grande por parte da comunidade sobre o trabalho que aqui é feito” (GDF).¹

1.2.1. Plano de Atividades

A instituição dispõe de um Plano Anual de Atividades que, através da sua consulta, é possível perceber que o desenvolvimento das atividades pretende trabalhar as capacidades dos/as utentes nas vertentes motoras, cognitivas, emocionais e expressivas para promoção de um envelhecimento ativo que visam manter e potenciar as capacidades dos/as utentes.

As atividades são realizadas da parte da manhã com o grupo de pessoas mais autónomas que é subdividido pela Educadora Social e pelo Psicólogo em dois grupos para um melhor acompanhamento dos/as utentes por parte dos técnicos. Esta subdivisão acontece às Segundas e Quartas-Feiras da parte da manhã e os técnicos mudam também de grupo consoante o dia, ou seja, se o Psicólogo estiver com o grupo A na Segunda-Feira, estará com o grupo B na Quarta-Feira. Da parte da tarde a atividade é realizada com os dois grupos juntos. Os utentes mais dependentes e com doenças mais agravadas que normalmente estão no piso superior, fazem parte do grupo C e têm atividades todos os dias da parte da tarde igualmente com a Educadora Social ou o Psicólogo que também vão intercalando consoante os dias e por isso se um estiver a trabalhar com o grupo no piso de baixo, o outro está a trabalhar com o grupo C no piso de cima e vice-versa.

Com a consulta do Dossier de Atividades, tive uma perceção diária da rotina e da realização das atividades que passam por: à Segunda-Feira realiza-se da parte da manhã uma atividade de linguagem e da parte da tarde há atividade de praxias do quotidiano, à Terça-Feira de tarde a atividade é sobre raciocínio, às Quartas-Feiras de manhã também se realiza uma atividade de linguagem com a troca de grupos e de tarde trabalha-se a

¹ Excerto retirado do grupo de discussão focalizada realizado com os/as profissionais da instituição e descrito em detalhe no capítulo 3 deste relatório

memória enquanto que à Quinta-Feira de tarde é trabalhada a atenção e a Sexta-Feira de manhã é dedicada aos jogos (bingo, dominó, cartas, etc.) e de tarde realiza-se o “Bar da Praia” ou a reza do terço. Esta atividade do “Bar da Praia” é muito interessante porque consiste na realização de um lanche diferente do habitual e os/as utentes têm de “pagar” o lanche através de dinheiro que têm guardado em bolsas, exercitando assim os pagamentos. É uma atividade que acredito que seja do agrado de todos/as por se tratar de comida que é um tema de claro interesse.

O grupo de pessoas autónomas tem ginástica às Terças-Feiras e Quintas-Feiras da parte da manhã. Já com o Grupo C é trabalhada a atenção à Segunda-Feira, a memória à Terça-Feira, a linguagem à Quarta-Feira, gnosis dos sentidos à Quinta-Feira e praxias do quotidiano à Sexta-Feira.

Com o Plano de Atividades verifiquei que se realiza uma caminhada nos meses de junho, setembro e outubro, mas não foi concretizada durante a minha presença na instituição no último mês estipulado por questões meteorológicas, como justificado pelo Psicólogo quando o questionei por esta atividade.

As atividades realizadas são muito variadas incluindo, como por exemplo, a realização de construções com palitos, mímica, treino da escrita, pintura, cálculo, visualização de vídeos do interesse dos/as utentes, jogos interativos de perguntas, atividades relacionadas com formação de palavras e frases, tangram, bingo, sudoku, dominó, entre outras.

Como tive a possibilidade de acompanhar durante o estágio todas as atividades realizadas pelo meu tutor e mesmo com a Educadora Social quando se proporcionava, tive a oportunidade de perceber que não é uma tarefa fácil ir de encontro a um grande número de pessoas porque apresentam diferentes níveis de escolaridade, como abordo no subcapítulo a seguir e apresentam também muitos problemas de audição e visão que dificultam a realização de muitas atividades que têm de ser constantemente ajustadas.

É por isto que muitos/as idosos/as ainda resistem um pouco a alguns tipos de atividades, mas também porque, talvez em outros momentos da sua vida, não tinham por hábito a ocupação de tempos livres. Alguns/mas terão tido vidas de muito trabalho e não valorizam a importância destes momentos:

“Cumprimento toda a gente e quando vou cumprimentar o Senhor J., ele volta a falar sobre as atividades, dizendo-me que já tem muitos anos e não aprende nada com as atividades, pelo que gostava mais de pintar desenhos ou algo do género. Eu disse-lhe que considerava as atividades positivas para o grupo uma vez que permitia que eles/as se mantivessem mais ocupados/as, ao invés de estarem sentados/as todo o dia.” (NT20).

Quando questionados/as sobre o que gostariam de fazer que fosse de encontro aos seus interesses, os/as idosos/as raramente respondem, apesar de ser uma preocupação dos/as técnicos/as perguntar recorrentemente o que mudariam:

“Durante a atividade também se falou sobre a meteorologia porque tem estado a chover, sobre uma entrevista da TVI que eles/as podem ter interesse em ver e houve também uma altura que o Doutor disse que era importante para nós que eles nos dissessem e dessem sugestões de coisas que gostam de fazer e que queiram que seja trazido para as atividades, pelo que ninguém disse nada relativamente a esse assunto. Isto demonstra uma preocupação por parte do Doutor em saber o que os/as idosos/as gostam para participarem nas atividades e estarem satisfeitos/as com as mesmas.” (NT8).

Esta resistência pode dever-se ao facto de muitos/as acreditarem que não têm de interferir na escolha das atividades, por respeito aos/as técnicos/as, apesar de terem o direito de o fazer porque as atividades são exclusivamente para o grupo e, idealmente, seriam significativas.

Esta reflexão sobre as atividades tem uma elevada importância por ser uma componente forte deste tipo de instituições e que, de algum modo contribuem para um maior bem-estar da população idosa, principalmente para trabalharem aspetos que são ignorados à priori, mas também para se sentirem capacitados/as e motivados/as para a vida.

1.2.2. Caraterização da população sénior residente

Para uma caraterização completa da população sénior residente, recorri aos Planos Individuais dos/as utentes e à consulta da lista de utentes, das datas de nascimento e das datas de ingresso na instituição que pedi que fossem impressas pela Diretora Técnica por não ter acesso ao programa. Cumulativamente, através de atividades realizadas pelo

Psicólogo pude obter outras informações que não tinha obtido nos Planos Individuais como a atividade intitulada “Cartão de Cidadão”:

“Fizemos depois uma atividade de perguntas que o Doutor intitulou “Cartão de Cidadão” em que ia fazendo perguntas tais como: ano de nascimento, nome do pai e da mãe, profissão, escolaridade, um acontecimento marcante, cidade, cor e doce ou salgado preferido, pessoa que mais admira, o sítio onde mais gostou de fazer férias, um sonho, um medo e quem levaria se fosse fazer uma viagem (...) Esta atividade foi importante para mim para conseguir retirar mais alguns dados sobre os/as utentes para completar a tabela de dados sobre eles/as.” (NT12).

Também recorri a outros métodos para obter as informações quando estas não estavam presentes em nenhuma documentação e se tratava de utentes que não participavam nas atividades nem se exprimiam com facilidade, conforma expressei numa nota de terreno:

“À Sexta-Feira é dia de jogos e o grupo esteve a jogar ao Bingo, mas antes disso estive a preparar um papel para ir falar com a Dona C. porque me faltavam alguns dados sobre a senhora mas soube anteriormente que tem problemas de audição e que a melhor forma para ela me responder seria pela escrita e por isso obtive os dados dessa forma, daí a importância de ter um bom diagnóstico sobre o público com quem estamos a lidar porque podem haver formas diferenciadas de chegar a cada um/a deles/as” (NT22).

Desta forma, foi possível elaborar uma tabela de dados dos/as idosos/as (Apêndice 10) que fui completando ao longo de várias semanas que continha: o nome completo, idade, género, naturalidade, situação de saúde mental e de dependência, escolaridade, profissão, ano de entrada na instituição e tempo de frequência, agregado familiar e acompanhamento familiar (ausente, pouco presente ou presente).

Assim, desde a minha retirada do contexto, o Lar tinha 55 utentes, 41 do sexo feminino e 14 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 57 anos e os 97 anos, sendo que 1 utente tem entre 50 e 60 anos, 2 utentes têm entre 60 e 70 anos, 9 utentes estão com idades entre os 70 e os 80 anos, 22 utentes entre os 80 e os 90 e entre os 90 e os 100 anos estão 21 utentes.

Relativamente à Naturalidade dos/as utentes, estes são de várias localidades, tais como: Valongo, Rio Tinto, Maia, Porto, Gondomar, Matosinhos, Celorico de Basto, Cabeceiras de Basto, Chaves, Amarante, Penafiel, Santo Tirso, Gaia, Tondela, Marco de Canaveses, Pedrouços, Ermesinde, Oliveira de Azeméis, Torre de Moncorvo, Coimbra, Angola, Viseu, Fundão e Braga.

No que diz respeito à situação de saúde mental, 23 estão em situação de demência, 4 têm depressão, 27 não apresentam problemas do foro mental e 1 encontra-se em estado vegetativo. No meu dia a dia, na instituição, pude perceber que os/as idosos/as com demência afirmam-se como uma grande preocupação pela degradação contínua que exige um grande esforço da equipa, tanto no cuidado, como na realização de atividades adaptadas:

“Quero anotar também o facto que durante o dia todo a Dona R. tentou sempre fugir da sala porque sofre de uma demência e passa os dias a tentar fugir porque diz que vai ter com a sua filha e está constantemente a ser parada pelas funcionárias que nota-se que ficam desgastadas porque não conseguem fazer o seu trabalho da mesma forma por estarem sempre preocupadas em ir buscar a Dona R.” (NT9).

Em relação à escolaridade, é importante ter em perspetiva que a escolaridade obrigatória foi alterando ao longo dos anos e 34 utentes da instituição têm a 4ª classe concluída porque era o habitual da sua época. Outros 5 utentes têm a 3ª classe, enquanto 11 utentes não têm qualquer tipo de escolaridade. Com a 2ª, 6ª e 7ª classe existe um/a utente respetivamente. Já com a Licenciatura existem 2 utentes. A questão da escolaridade é um aspeto importante de se ter em conta, principalmente no planeamento e realização das atividades, porque ainda existe um número considerável de pessoas sem qualquer grau de escolaridade e é importante concretizar atividades que se adequem para não provocar qualquer tipo de sentimento de impotência e tristeza que se denotava em alguns/umas pessoas porque gostariam de ter estudado mais, mas as circunstâncias da vida não o permitiram.

As profissões dos/as utentes são muito variadas, sendo que realizaram os seguintes trabalhos: agricultura, metalurgia, construção civil, estucagem, tecelagem, costura, motorista, pastelaria, secretária, cozinheiro/a, cabeleireiro/a, vendedor/a, operário/a, empresário/a e professor/a. Algumas idosas também foram domésticas, não tendo tido

nenhum outro trabalho e foi possível perceber que muitos/as idosos/as tiveram vários trabalhos ao longo dos anos e por essa razão não tenho registo de todas as profissões, apenas das mais duradouras ou significativas.

No que concerne ao tempo de frequência na instituição, são 12 os/as utentes que estão na instituição há menos de 1 ano, enquanto 9 utentes estão há mais de 1 ano, 8 utentes estão há mais de 2 anos, 6 há mais de 3 anos, 5 há mais de 4 e 5 anos respetivamente, 4 há mais de 6 anos, 3 há mais de 7 anos e há 9 e há 13 anos está um/a utente. De ressaltar o Senhor J. que reside no Lar há mais de 20 anos e eu tive o prazer de celebrar junto dele essa data. O Senhor J. é um utente que parece ser genuinamente feliz na instituição como se fosse a sua casa e realiza tarefas como abrir e fechar os estores ou ligar e desligar os luzes porque é visível que se sente realizado em as concretizar.

As famílias, na sua maioria, são presentes, apesar de haver alguns/umas utentes que não têm qualquer tipo de visita ou contacto familiar. Os/as utentes da instituição na sua maioria tem filhos/as, netos/as e por vezes bisnetos/as, havendo 13 utentes que não têm filhos/as. Este aspeto dos/as bisnetos/as deixou-me impressionada aquando da minha chegada à instituição pela razão que a maioria dos/as netos/as já são maiores de idade e eu não esperava uma população com bisnetos/as e idades tão avançadas.

Através desta caracterização também foi possível perceber quais os/as utentes que têm netos/as, uma informação essencial para a realização deste estudo sobre a relação avós-netos/as. Como esta informação específica, normalmente, não vem descrita nos Planos Individuais dos/as utentes, questionei os/as técnicos/as que me foram transmitindo à medida que ia perguntando. Também foi realizada uma atividade pelo Psicólogo no primeiro dia de estágio, em que pediu aos/as utentes que referissem o número de filhos/as e netos/as, caso estes existissem, e que permitiu ir amadurecendo o tema e identificar os/as potenciais participantes do meu estudo:

“Da parte da tarde, o Doutor disse que lhes ia pedir na atividade para falarem um pouco sobre si e sobre a existência ou não de netos/as que é importante para o meu estudo e houve uma adesão muito boa por parte dos/as utentes em que quase todos/as falaram sobre si e já pude ver que tenho muita abertura para aprofundar o meu tema, algo que me deixa extremamente feliz e motivada porque estava com receio de encontrar uma população mais difícil de atingir.” (NT1).

Para entender a qualidade da relação, também recorri aos/às técnicos/as que têm um conhecimento muito vasto sobre as relações estabelecidas pelos anos de trabalho na instituição, o que foi fundamental para ter uma amostra mais rica, mas também para evitar qualquer tipo de constrangimento na abordagem direta aos/às idosos/as quando questionados sobre este assunto. Este contributo dos/as técnicos/as foi essencial para que conseguisse completar a tabela de forma detalhada.

Apesar de importantes, estes dados não refletem a individualidade de cada um/a que só é possível perceber com o tempo de permanência no contexto e o contacto direto com a população residente. Desde o início do estágio que me apercebi que os/as idosos/as têm gostos diferenciados, sendo que alguns/umas gostam de estar ocupados/as a jogar, pintar ou a fazer palavras cruzadas e outros/as limitam-se a ficar sentados/as a ver televisão, sendo que, muitas vezes, são mais resistentes às atividades ou às alterações de rotinas. Além disto, muitos/as idosos/as gostam de conversar e de contar histórias das suas vidas, tanto de manhã quando os/as ia cumprimentar como em tempos em que estávamos mais livres sem estar nas atividades e me sentava junto deles/as quando me demonstravam essa vontade para conhecer as suas realidades de vida:

“Caraterizo o dia de hoje como mais um dia de presença e conversas. Pela manhã conversei com o Senhor J. que me falou sobre a sua mulher e um pouco mais sobre a sua vida, dizendo que ela é muito bonita e que também é ciumenta, tendo ciúmes das utentes do Lar. Todas estas histórias que me vão contando são importantes para eu perceber as dinâmicas e as relações estabelecidas diariamente dentro da instituição que funciona como uma casa, com os seus habituais questionamentos, rotinas e até acontecimentos inesperados” (NT5).

Estas conversas também surgiam por indicação dos/as técnicos/as que pediam para partilharem comigo histórias, ensinamentos e mesmo ditados populares ou gestos de carinho que enriqueceram esta experiência de estágio:

“Depois disto, regressamos ao salão grande e, entretanto, o Doutor H. pediu ao Senhor M. que falasse sobre alguns episódios da sua vida, sendo eles a história do seu cão que ia buscar o pão à padaria e também uma reflexão sobre a importância da palavra que o Senhor M. diz que vale mais do que dinheiro. (...) Com um pouco mais de conversa fala-me também da importância da comunicação e diz-me que “Quem não se comunica, se trumbica”, sendo mais

um ditado popular que me transmitem carregado de sabedoria de quem tem muitos anos de vida e muito ensinamentos guardados, sendo que noto que o Senhor M. tem prazer em me contar todas estas histórias que eu vou guardar assim como guardo um papel da Santa Alexandrina que ele me deu para me proteger.” (NT5).

Assim, a elaboração da tabela com os dados dos/as utentes foi importante para a redação detalhada deste subcapítulo, permitindo-me obter um maior conhecimento sobre a população com quem estava a trabalhar e, posteriormente, facilitou a seleção dos/as participantes da minha investigação.

Capítulo 2 – Enquadramento teórico-conceptual

2.1. Envelhecimento

Nos últimos anos, é possível perceber o crescimento da população portuguesa e consequentemente, um grande aumento da população idosa que é causado, em grande parte, pelo aumento da esperança média de vida e pela melhoria das condições. As estatísticas mais recentes comprovam que o número de idosos é bastante mais elevado do que o número de jovens, de forma que

“Em 2021, o número de jovens (0-14 anos) representava 12,8% do total da população residente, o grupo dos 15 aos 64 anos, 63,5%, e o número de idosos (65 ou mais anos), 23,7%. Esta distribuição concorreu para um índice de envelhecimento de 184,9 pessoas idosas por cada 100 jovens.” (Anuário Estatístico de Portugal, 2022: 18).

As previsões para o futuro mantêm-se na mesma linha de crescimento e Portugal será o segundo país europeu mais envelhecido:

“De acordo com as projeções demográficas mais recentes do Eurostat, no horizonte de 2070 Portugal terá 61,5 pessoas maiores de 65 anos por 100 pessoas em idade ativa, um aumento de 80% em relação ao valor atual de 33,9. Seremos dentro de 50 anos a segunda sociedade mais envelhecida da Europa, a seguir à Polónia. A população residente total deverá cair dos atuais 10,2 milhões para cerca de 8,2 milhões, uma queda de 20%. Quanto à população em idade ativa, prevê-se a sua queda em mais de 36%, de 6,6 para 4,2 milhões de ativos.” (Santa Casa da Misericórdia, 2020: 53).

A esta fase de vida está associada à aposentação, o declínio da saúde e também a perda de algumas capacidades. Também estão relacionados alguns preconceitos como o idadismo que se caracteriza como um “(...) preconceito baseado na idade que ocasiona diferentes formas de discriminação” (Castro, 2016: 79). Esta discriminação tem consequências muito negativas e “A discriminação desta idade é muito prejudicial para essas pessoas, desmotivando-as a participar em atividades e afazeres sociais, e isolando-as do resto da população.” (Martins, 2013: 155).

O isolamento também surge por perda ou afastamento de familiares e por isso “Está constatada a maior vulnerabilidade dos idosos para experimentarem solidão, sendo este um dos aspectos que pode afectar a saúde e segurança dos mais velhos.” (Freitas, 2011: 20).

Existem também muitos mitos associados a esta fase de vida que contribuem para a prossecução da imagem negativa associada ao envelhecimento. Martins (2013) refere alguns destes mitos, tais como: o conservadorismo, o desapego, desvinculação e descompromisso, a doença, envelhecimento cronológico (associado ao estereótipo da idade), o envelhecimento igual para homens e mulheres, os idosos são todos iguais, os idosos são pessoas tristes e de mau-humor, a pobreza, a improdutividade, a inflexibilidade face a situações novas, a renúncia à sexualidade, a senilidade, a serenidade, a sobrevalorização da juventude e a desgraça da velhice.

Todas estas ideias surgem de variadas formas e têm um impacto muito significativo em muitos/as idosos/as que as podem interiorizar e, por conseguinte, encarar a velhice de uma forma negativa e nada prazerosa.

Deste modo, o “(...) envelhecimento é um fenómeno social emergente nas sociedades modernas, resultante da evolução da ciência, da tecnologia e da melhoria das condições de vida.” (Sá, 2018: 15), tornando-se uma realidade cada vez mais frequente e que importa ser tomada em consideração.

Ser idoso/a significa ter uma experiência de vida única, com conhecimentos e percepções que só os anos permitem alcançar e é este sentido que surge o Envelhecimento Ativo como a participação dos/as idosos/as nas questões da comunidade e, acima de tudo, assenta na ideia de direitos humanos e valorização da velhice, de forma que o conceito de Envelhecimento Ativo

“Foi adotado pela Organização Mundial de Saúde (2002), nos finais dos anos 90, ao ampliar a designação de ‘envelhecimento saudável’. Considerava-se que, para além dos cuidados assistenciais e de saúde, há outros fatores que afetam o modo e o estilo das pessoas que envelhecem. Este termo aplicado a indivíduos e grupos populacionais permite saber o potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do ‘curso de

vida’, incluindo a participação ativa dos idosos nas questões económicas, sociais, culturais, espirituais, cívicas e nas políticas sociais e assistenciais” (Martins, 2013: 192).

É neste sentido que o processo de envelhecimento não é homogéneo e ocorre de forma diferenciada com cada pessoa. Deve, por isso, ser assumido como uma fase de vida positiva, de contínua aprendizagem, crescimento e transmissão de conhecimento.

2.2. Relações familiares no envelhecimento: avós e netos/as

Com o envelhecimento surgem também mudanças ao nível das relações familiares em que os/as filhos/as se tornam adultos/as e as dinâmicas familiares são alteradas com a ausência de algumas pessoas e a integração de outras.

Estes novos membros são, muitas vezes, os/as netos/as que assumem um papel muito importante na vida dos/as avôs/ós, sendo que muitos/as passam mesmo a viver juntos/as na ausência dos pais.

Ser avô/ó significa, por isso, a continuidade da geração e, muitas vezes, a possibilidade de criar o/a neto/a sem as responsabilidades do trabalho que tinham com os/as filhos/as porque muitos/as avôs/ós já não se encontram em idade ativa e dispõem da reforma, dedicando-se ao cuidado dos/as netos/as quando os pais trabalham.

Os/as avôs/ós assumem diferentes estilos e papéis que vão desde os mais rígidos aos mais descontraídos:

“Os avós formais procuram comportar-se de acordo com aquilo que lhes parece ser o *seu papel*, mantendo bem clara a diferença em relação ao papel parental, o qual tem implícita a total responsabilidade pela criança. Nos divertidos predomina uma atitude informal e lúdica em que os avós e netos são essencialmente colegas de brincadeira, enfatizando a satisfação mútua. Os avós que adoptam o estilo substitutivo parental são aqueles que tendem a assumir todas as responsabilidades educativas na ausência dos pais. Os avós autoritários colocam os pais dos seus netos numa posição de subordinação que é aceite por ambas as partes; com frequência, esta situação está associada a algum ressentimento relativo a assuntos passados. Os distantes são aqueles que mantêm apenas contacto com os netos em ocasiões especiais (como aniversários, festas...)” (Sousa et al., 2004: 41).

António (2010) aborda a temática das relações entre avós e netos/as e refere-nos que nos estudos já realizados é possível perceber uma maior ligação com os avós maternos e uma preferência pela avó. Também refere que existe um sentimento de respeito pelos avós e de forte ligação, principalmente se esta relação já existir desde a infância.

Esta autora realizou um estudo com 259 alunos/as universitários/as da zona de Lisboa, em que é possível perceber que as relações estabelecidas entre avós e netos/as são de elevado afeto e carinho, verificando-se o contrário quando as personalidades não são compatíveis. Os/as netos/as também referem que estão com os/as avôs/ós pelo menos uma vez por semana e que se reúnem mais vezes em situações de festa, férias ou fins de semana. É utilizado o telefone fixo e telemóvel para estabelecer contacto e a companhia dos/as avôs/ós é apontada como uma das principais razões pelas quais os/as netos/as procuram os/as avôs/ós.

Uma das afirmações mais relevantes é que, segundo a opinião dos/as netos/as, estes/as devem estar disponíveis para visitar os/as avôs/ós mesmo quando andam muito ocupados/as.

Por outro lado, existem também casos em que os/as netos/as assumem o papel de cuidadores em situação de dependência ou de doença dos/as avôs/ós, apesar de normalmente serem os/as filhos/as a terem esse cuidado. Apesar disto, é importante referir que em caso de dependência do/a idoso/a, as relações familiares são alteradas:

“Ao nível das relações familiares, a situação de dependência do idoso, juntamente com as complexas responsabilidades inerentes à prestação informal de cuidados, altera inevitavelmente não só a relação entre o paciente e cuidador, mas também as relações entre estes e os restantes elementos da família.” (Sousa et al., 2004: 93).

Esta situação pode originar a necessidade de recorrer a uma instituição como uma ERPI para o cuidado permanente do/a idoso/a quando a família deixa de ter essa possibilidade e que vai ter, igualmente, impactos nas relações familiares estabelecidas.

2.3. Relações familiares em contexto de ERPI

A institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas apresenta-se como uma mudança significativa na vida dos/as idosos/as porque deixam as suas casas e vão viver para um Lar com regras e rotinas definidas a que os/as idosos/as têm de se acostumar. Esta escolha por um Lar deriva em grande parte da família que muitas vezes reconhece esta como a melhor opção e, por isso, “Os familiares desempenham um papel importante na escolha dum lar para um idoso, eles tendem a considerar importante a segurança, privacidade, atmosfera familiar e a capacidade de responder aos desejos do idoso.” (Sousa et al., 2004: 134/135).

As relações familiares sofrem, muitas vezes, algum tipo de impacto porque existe uma instituição que fica também encarregue dos cuidados aos/às utentes e pode haver discordâncias ou mesmo conflitos.

Sousa et al. (2004) aborda as relações entre Lar, idoso e família explicitando que a institucionalização representa vários estereótipos que interferem nas relações por o/a idoso/a ser visto/a como alguém que não consegue cuidar de si. Também origina conflitos quando a família sente que o/a idoso/a valoriza mais o Lar ou vice-versa, quando a família é acusada pelos funcionários do Lar de abandono ou quando a família sente desconfiança em relação aos cuidados prestados. Outro acontecimento possível é o abandono total do/a idoso/a no Lar após a institucionalização que, naturalmente, quebra as relações familiares e obriga a instituição a assumir responsabilidades que até então diziam respeito à família.

Estes conflitos originam, muitas vezes, acusações de parte a parte sem entender verdadeiramente as motivações de cada um. Vão, assim, surgindo outros conflitos em que o/a idoso/a se sente rejeitado/a pela família e culpabiliza a instituição e/ou a família pela institucionalização e a instituição e a família ficam contra o/a idoso/a.

A autora aborda, assim, a importância da comunicação entre todos, quer seja na obtenção de informações, na partilha de rotinas e cuidados prestados e mesma na clarificação dos objetivos de todas as partes, ou seja, os objetivos da família em relação ao/à idoso/a institucionalizado/a e os objetivos do Lar em relação à família da pessoa institucionalizada para que as relações entre esta tríade (Lar, idoso e família) sejam mais positivas e menos conflituosas.

Dos trabalhos académicos analisados que abordam diferentes tipos de relações familiares em instituições, é notório que a relação mais estudada é a que é estabelecida entre pais/mães e filhos/as, havendo outras referências à família, mas sem especificar quais os membros.

Num estudo realizado em que foi analisada a relação pais-filhos antes e depois da institucionalização, foi concluído que a institucionalização não afetava a relação, ou seja, “Relativamente à proximidade emocional descrita por ambos os elementos da díade, verifica-se que não se destacam diferenças na proximidade emocional antes e após a institucionalização” (Rebelo, 2013: 42). Batista (2021), ao estudar a adaptabilidade das pessoas idosas à institucionalização, também obteve os mesmos resultados e assim “Observamos que nas relações familiares dos entrevistados com a família, não sofreram grandes alterações pelo simples facto de estarem a permanecer no lar.” (p. 82).

No que diz respeito à perceção dos/as idosos/as em relação à institucionalização, há a referência a uma série de perdas relacionadas com este acontecimento, incluindo a perda de ligação com a família, pois

“(…) no que diz respeito aos fatores negativos no que toca ao processo de institucionalização, os doze participantes afirmam existência de perdas associadas ao processo. Perda de autonomia, perda de privacidade, perda de intimidade, perda da sua independência, perda do seu espaço físico e ambiental, perda do contacto com a família, amigos e vizinhos e perda das suas casas e de muitos dos seus pertences.” (Martins, 2022: 92).

Patrício (2018) estudou a influência da família no processo de institucionalização numa instituição de Machico e concluiu que este processo afeta as relações familiares, no sentido que “A maioria dos inquiridos, 53,6%, concordam que com a institucionalização sentem que a sua relação com os seus familiares foi afectada. O motivo dado pela totalidade dos que concordam com a afirmação anterior, foi de menor proximidade menor contacto.” (p. 93).

Por outro lado, há também a referência a melhorias da relação após a institucionalização e assim “(…) após a institucionalização as relações entre pais e filhos mantêm-se e, em alguns casos até melhoraram. O acompanhamento continua a ser

efetuado por parte dos filhos mas a convivência entre ambos, na maioria dos casos, é realizada na instituição (...)” (Silva, 2011: 62).

Foi também realizado um estudo na Lituânia que pretendia perceber as mudanças ocorridas nas relações entre avós residentes em Lares e os seus netos e por isso, com várias semelhanças com o estudo realizado por mim.

Os resultados deste estudo demonstram que, quando os/as idosos/as entrevistados/as se mudaram para o Lar, as relações com os/as netos/as deterioraram significativamente, de forma que "Cada um dos participantes do estudo realocados notou que os relacionamentos que haviam compartilhado anteriormente com um membro da família se deterioraram significativamente após a mudança para a casa de repouso." (Charenkova & Gevorgianiene, 2018: 496).² Esta deterioração deveu-se, muitas vezes, a uma diminuição do contacto, pois “Os resultados do estudo revelaram que após a mudança, as relações do idoso com os netos, em particular, a frequência do contato face a face, bem como a intensidade dos relacionamentos em geral, mudam significativamente” (*ibidem*: 499).³

Deste modo, quando se abordam as relações familiares em contexto de ERPI, não é possível produzir afirmações sobre os seus impactos e alterações, pela razão que são casos particulares que são sentidos de diferentes formas por diferentes pessoas, sendo que a institucionalização pode não ter impactos nas relações, pode contribuir para a sua deterioração e em outros casos pode ser motivo para a sua melhoria.

² Citação original: "Each of the relocated study participants noted that the relationships that they had previously shared with a family member had significantly deteriorated after relocation to the nursing home."

³ Citação original: "The results of the study revealed that after relocation, elderly person's relationships with grand-children, in particular, frequency of face-to-face contact, as well as the intensity of relationships overall, change significantly."

Capítulo 3 – Enquadramento metodológico

Este capítulo dá conta das opções metodológicas do processo de estágio relativamente ao meu posicionamento no contexto e das técnicas utilizadas para a recolha de dados. São também abordadas as questões éticas tomadas em consideração ao longo de todo o processo, reconhecendo especialmente o cuidado no contacto com as pessoas idosas.

3.1. – Opções metodológicas: métodos e técnicas de recolha de dados

A realização de um estágio está inerente a uma componente prática essencial que acontece através da participação no contexto, aliada à observação e interrogação constantes, as quais dão significado à experiência.

É, neste sentido, que durante este processo recorri à observação participante como um método que me ajudou a perceber as dinâmicas, práticas, comportamentos e uma perceção mais profunda da realidade estudada pela proximidade com a mesma, pois a “observação participante tem como princípio a necessidade de o pesquisador manter sempre algum grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (Amado, 2013: 153). Este método permitiu um envolvimento com o contexto e a população que possibilitou que me tornasse parte integrante da equipa ao mesmo tempo que estudava o contexto e o interrogava, mas com o distanciamento necessário para manter uma visão crítica sobre o meu papel ao mesmo tempo que dava o meu contributo:

“O dia terminou e fui despedir-me das pessoas, aproveitando para desejar um bom feriado e a Doutora C. agradeceu-me toda a ajuda dada pela minha parte e é desta forma que percebo que de algum modo vou prestando um certo contributo à instituição, não me baseando apenas na observação, mas acima de tudo na participação.” (NT16).

Aliada a esta observação, elaborei notas de terreno diárias, originando um total de 56 notas que são a base de todo este trabalho, uma vez que retratam o meu quotidiano na instituição, ocorrências, questionamentos e mesmo sentimentos que enriquecem o relatório. As notas de terreno permitem uma interligação com a experiência de estágio, dando-lhe significado por ser “(...) uma forma de expressão e, em resultado do próprio

processo de escrita, pelo processo cognitivo que pressupõe, uma forma efetiva de refletir e aprender.” (Amado, 2013: 278), essencial para repensar todo o trajeto principalmente depois da retirada. Desde o início da incursão ao terreno, que encarei as minhas notas de terreno como um espaço livre e íntimo que, por opção, apenas seria partilhado com a minha orientadora de estágio. Cada nota de terreno está numerada e nomeada com um título curto orientador do conteúdo da nota, com as expressões mais relevantes sombreadas a negrito.

Relativamente à recolha de dados, recorri às entrevistas com os/às utentes e os/às netos/as, para perceber os impactos, as potencialidades e as necessidades da institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas. Através das entrevistas com os/às idosos/as pretendi, de uma forma individualizada, recolher o testemunho dos/as participantes sobre as mudanças nas relações familiares, principalmente com os/as netos/as depois da institucionalização de forma a perceber as principais alterações e necessidades existentes para o restabelecer desses laços familiares. Pretendi também perceber qual é a opinião dos/as utentes sobre o papel do Lar na promoção desses laços e abordei outras questões que foram sendo levantadas conforme explicado no capítulo 5 deste relatório.

As entrevistas com os/às netos/as foram realizadas com o intuito de perceber se sentem que existem alterações nas relações estabelecidas com os/as seus/suas avós depois da institucionalização dos/as mesmos/as. Pretendia também perceber de que forma é que consideram que a instituição promove ou não a continuidade ou a melhoria dos laços familiares e também se consideram importante a realização de atividades na instituição como forma de reforço desses mesmos laços. Esta técnica de recolha foi essencial para, posteriormente, propor uma intervenção relacionada com as opiniões dos/as participantes.

Foram, assim, realizadas 10 entrevistas, 5 com os/as idosos/as e 5 com os/as netos, sendo que a escolha dos/as idosos/as seguiu alguns critérios de seleção como: aceitar participar no estudo, interesse pelo tema, estado cognitivo pertinente para a participação no estudo, boa relação com os/as netos/as e longa permanência na instituição. Neste sentido, foram envolvidos os/as netos/as que demonstraram interesse pelo tema e disponibilidade em participar no estudo. Importava também ter em consideração que o tema não fosse desconfortável para os/as participantes, porque a temática das relações familiares é, tendencialmente, sensível e pessoal.

A seleção dos/as participantes foi realizada ao longo do tempo através de conversas e observações que ia fazendo, mas foi conseguida, essencialmente, com a ajuda do meu tutor que me disse quem seriam as pessoas ideais para serem entrevistadas face aos meus objetivos pelo conhecimento que detém em relação à população:

“Quando a atividade terminou, eu e o Doutor estivemos a ver quem seriam os/as idosos/as que cumpriam os requisitos para participarem no estudo de forma a ter uma amostra com situações diferenciadas, com alguma disponibilidade por parte dos/as netos/as e tendo em conta a fase de vida de cada um/a porque alguns/umas idosos/as estão a passar por fases mais complicadas por variadas razões e quero ter isso em conta visto que o tema do estudo é um tema que considero sensível e não posso nem devo perturbar o bem-estar das pessoas que irão participar. Chegamos então à seleção de cinco participantes para iniciar as entrevistas.” (NT31).

Para saber se os/as idosos/as queriam participar no estudo, conversei diretamente com eles/as, explicando os objetivos do mesmo e que estariam à vontade para participar ou não e quase todos/as ficaram contentes e mostraram-se disponíveis para serem entrevistados/as. Tive apenas a situação de uma idosa que me tinha dito que os/as netos/as não podiam participar sem lhes ter perguntado e percebi que a senhora não estava interessada em fazer parte do estudo, apesar de ter aceitado inicialmente, pelo que, mais tarde, incluí outra idosa no estudo que não fazia parte da lista inicial.

Já o contacto com os/as netos foi estabelecido com a ajuda do meu tutor e da Educadora Social que telefonaram para os/as participantes e me passaram a chamada para perguntar se estariam disponíveis para serem entrevistados/as por mim, explicando os objetivos do estudo e todos/as aceitaram participar. A marcação das entrevistas com os/as netos/as foi muito difícil de conseguir por terem horários de trabalho a cumprir e maior parte das vezes só terem disponibilidade ao fim do dia ou em dias específicos da semana.

Com os objetivos do estudo já pensados, elaborei os guiões das entrevistas (Apêndices 6 e 7) que se caracterizam por serem estruturadas com perguntas fechadas porque sabia que os/as participantes poderiam abordar vários temas que não estavam relacionados com o tema da família e teria entrevistas demasiado extensas que não iam responder às questões principais, pois segundo Foddy (1996) um guião com perguntas fechadas permite que os/as participantes respondam às mesmas perguntas para

possibilitar a sua comparação e uma menor variabilidade de respostas que depois permitirá uma análise e reflexão mais facilitada.

Foi também realizado um grupo de discussão focalizada com os/as profissionais para uma abordagem sobre o tema das relações familiares, pelo que “Está bem estabelecido que o método do grupo focal é um mecanismo útil e eficaz para obter opiniões, valores e crenças coletivas.” (Halcomb et al., 2007: 1002)⁴ e, desta forma, pretendia perceber a opinião da equipa enquanto profissionais que trabalham na instituição sobre as visitas e as saídas dos/as utentes, sobre as relações estabelecidas entre avós institucionalizados/as e netos/as e que de forma é que a institucionalização pode afetar estas relações e também para perceber a opinião dos/as profissionais relativamente aos fins de semana e à possibilidade da realização de atividades nesta altura.

A realização dos grupos de discussão focalizada com os/as profissionais surgiu da necessidade de obter uma perspetiva das pessoas que trabalham e interagem diariamente com os/as utentes da instituição e que certamente têm um conhecimento imenso sobre as pessoas a quem prestam cuidados e as suas histórias que, de certa forma, enriqueceu o meu estudo. Assim, o grupo de discussão focalizada foi realizado com a Diretora Técnica, o Psicólogo, a Educadora Social, um membro associado à Direção da instituição, uma enfermeira, a Encarregada das Ajudantes de Ação Direta e a roupeira. Inicialmente também queria ter incluído o porteiro e duas Ajudantes, mas não foi possível porque houve uma grande dificuldade em conseguir conciliar horários, principalmente para não interferir nas dinâmicas habituais do Lar.

Foi, igualmente, realizado um grupo de discussão focalizada com os/as utentes que tinham realizado as entrevistas e outras duas pessoas que não tinham sido entrevistadas, mas por uma razão de saturação temática não foi alvo da minha análise e não está incluído neste relatório, tendo-se afirmado como um momento positivo para o grupo, mas que não correspondeu aos objetivos principais do estudo.

Tanto as entrevistas, como o grupo de discussão focalizada foram transcritos integralmente e foram alvo de uma análise cuidada e rigorosa através da análise de conteúdo que se afirma como um “Conjunto de técnicas de análise de comunicações

⁴ Citação original: “It is well established that the focus group method is a useful and effective mechanism for deriving collective opinions, values and beliefs.”

visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis) destas mensagens” (Bardin, 1977: 42) e que possibilitou a interpretação dos dados de forma a responder à questão da investigação.

Avançou-se com o preenchimento de uma tabela com categorias, subcategorias, indicadores e unidades de registo, seguindo-se critérios como a homogeneidade e a mútua exclusividade (Apêndices 15, 16, 17 e 18).

3.2. Questões e cuidados éticos com a pessoa idosa

O trabalho de investigação ou intervenção requer cuidados éticos a ter em conta, ao longo de todo o processo, e o meu estágio não foi exceção por se tratar da população mais idosa. Pela sua idade avançada, têm histórias de vida longas que desconhecemos e certamente foram marcantes de modo mais ou menos positivo, acompanhadas muitas vezes de processos de doença, isolamento ou incapacidades. É por isso crucial ter uma atenção redobrada por esta população que requer respeito e empatia.

A pandemia de Covid19 ainda se reflete em muitos contextos e restringe algumas das decisões, antes demais porque eu seria a primeira estagiária na instituição depois do aparecimento da doença, o que levou a uma resposta muito demorada por parte desta em relação à minha estadia. Isto deveu-se ao facto de ser necessário garantir a segurança dos/as utentes e havia cuidados a serem tomados relativamente a uma pessoa vinda do exterior, sendo que no primeiro dia me foi realizado um teste pela enfermeira para perceber se eu estaria contaminada para não contaminar os/as idosos/as.

Durante todo o estágio, fiz-me acompanhar da máscara cirúrgica, assim como alguns/umas utentes, o que dificultou, muitas vezes, a comunicação por se ouvir mais baixo e muitas pessoas terem problemas auditivos e por isso recorriam à leitura labial para perceberem melhor o que era dito, estratégia que não podia ser concretizada precisamente pelo uso da máscara que tapava os lábios. Também demonstrei o meu interesse em realizar uma dinâmica de grupo com todos/as os/as participantes da intervenção que realizei, mas foi-me negada esta possibilidade, por razões associadas à

Covid19 e proibição de ajuntamentos, o que levou a alguns ajustes que não estavam previamente pensados.

Numa decisão de preservar a identidade dos/as idosos/as e as suas histórias de vida muito pessoais e íntimas, não revelei ao longo deste relatório os nomes das pessoas, optando por substituí-los pelas iniciais dos seus nomes. Foi também uma opção não colocar em anexo as transcrições das entrevistas por constituírem momentos particulares de partilha de assuntos sensíveis e suscetíveis de causar algum desconforto aos/às participantes pelo tema estar relacionado com as questões familiares e o respeito e o bem-estar têm de imperar, pelo que

“A investigação em Ciências da Educação deverá ser orientada tendo em conta o respeito pelo bem-estar e pela integridade de todas as pessoas envolvidas, incluindo a integridade e o bem-estar dos/as próprios/as investigadores/as. Como tal, os processos de investigação, bem como os seus resultados, deverão ser pensados, conduzidos e comunicados de forma a evitar qualquer situação que possa constituir risco ou ameaça ao bem-estar e à integridade, cabendo aos/as investigadores/as promover um ambiente de respeito mútuo e de sã convivência entre todos os envolvidos.” (Carta ética das Ciências da Educação, 2020: 12).

Nas conversas informais com os/as idosos/as, bem como com os/as técnicos/as, foram tidas em consideração questões de natureza ética, assumindo-se que era importante criar uma relação de confiança e respeito, pelo que evitei forçar qualquer tipo de conversa na expectativa que as pessoas falassem comigo por livre vontade e guardei sigilo em relação a partilhas que as pudessem comprometer de algum modo.

Durante a minha investigação e intervenção, foi imprescindível que as pessoas fossem sempre informadas sobre os objetivos do estudo e, por isso, utilizei o consentimento informado nas entrevistas e nos grupos de discussão focalizada (Apêndices 2, 3, 4 e 5), garantindo que os/as utentes e os/as técnicos/as participavam por vontade própria, podendo desistir a qualquer momento e que eu estaria disponível para algum esclarecimento necessário. Também forneci um consentimento informado à Diretora Técnica (Apêndice 1) em como autorizava a concretização do estudo através da realização das entrevistas, grupos de discussão focalizada e intervenções com os/as utentes e profissionais e a utilização dos espaços da instituição.

Um outro aspeto a salientar remete para a importância de não fazer juízos de valor, nem naturalizar preconceitos já estabelecidos relativamente à população idosa, pelo que

“Os estereótipos refletem idéias errôneas comuns, como: as pessoas idosas são doentes, são rabugentas e excêntricas. Esses estereótipos são prejudiciais e geram uma imagem distorcida da velhice, pois se sabe que a maioria dos idosos não é doente, além de apresentarem dimensões de personalidade que teceram ao longo de toda a vida.” (Schneider & Irigaray, 2008: 587).

Importa, por fim, referir que fui autêntica relativamente ao meu papel na instituição e que seria uma estadia curta de 340 horas que, depois de concluídas, seria o momento de me retirar. Esta retirada aconteceu progressivamente, sendo que fui diminuindo o meu tempo de presença no estágio. Ou seja, inicialmente, fui quatro dias por semana, a partir de janeiro passei a ir três vezes por semana e depois reduzi para duas vezes, porque era essencial que os/as idosos/as percebessem que eu estava na instituição apenas a estagiar por um curto período de tempo e com o objetivo de estudar um tema, pois alguns/umas acreditavam que eu iria ficar na instituição a trabalhar. Estabeleceram-se também relações de proximidade, o que acrescidamente implica cuidados para não ferir os/as idosos/as com a minha saída. A este respeito, notava-se que a minha ausência era motivo de preocupação:

“Hoje regressei ao estágio após ter estado doente e quando fui cumprimentar as pessoas, alguns/umas perguntaram-me por que razão tinha faltado, mostrando-se preocupados/as. O Doutor H. também me disse que o Senhor M., o Senhor J. e mais alguns/umas foram perguntando por mim ao longo dos dias. Este acontecimento faz-me pensar que os/as idosos/as notam a minha ausência, o que me faz cada vez mais ponderar no cuidado que vou ter de tomar no processo de retirada da instituição.” (NT31).

Desta forma, prevalecia sempre o cuidado com o bem-estar de todos/as e, por isso, foi importante esta retirada mais lenta e informada do Lar.

Estas questões do foro ético fizeram e devem, necessariamente, fazer parte de todo o trajeto de estágio, não apenas por razões que se prendem com o rigor metodológico, mas sobretudo pelo respeito pelo/a outro/a, de modo que

“A ética não se restringe a questões pessoais. O mundo é a nossa casa e a ética deve reflectir sobre todos os problemas que se ligam à nossa relação com os outros, o mundo e a vida para que a existência humana ganhe dignidade e se dê um rumo justo, solidário e pacífico à história do mundo.” (Magalhães, 2010: 40).

Foi sobre estes princípios éticos que me comprometi a realizar este estágio, com o pensamento no/a outro/a e na relação estabelecida, com base no respeito e compreensão, de forma a contribuir para um contexto e uma comunidade mais empática e unida.

Capítulo 4 – Percurso de estágio: Construção de uma identidade, reflexões e constrangimentos

4.1. Entrada, integração e permanência na instituição

A opção do contexto de estágio como uma ERPI foi previamente pensada durante o primeiro ano do Mestrado, pelo facto de já ter adquirido algum conhecimento relativamente ao Serviço de Apoio Domiciliário durante a Licenciatura e sentir a necessidade de conhecer uma resposta de institucionalização permanente fora do domicílio das pessoas.

Apesar da demora na resposta por parte da instituição sobre a autorização do estágio, foi possível iniciá-lo em outubro de 2022 depois de uma reunião com a equipa técnica e a minha orientadora em que decidimos que eu estaria presente na instituição todos os dias, exceto às Quartas-Feiras por ter aulas na Faculdade.

No primeiro dia de estágio, o meu tutor teve o cuidado de me apresentar como a nova estagiária a todos/as utentes e de me contar alguns aspetos que poderiam ser importantes para eu ter conhecimento, como algumas características pessoais ou histórias marcantes. Percebi que no dia anterior tinha falado da minha chegada à instituição, pelo que os/as utentes já estavam de certa forma preparados/as para esse momento, o que facilitou muito a minha integração. Também me apresentou a profissionais da instituição que se mostraram muito recetivos em relação à minha estadia e desde logo percebi que seria bem recebida.

Numa conversa com o Psicólogo e a Educadora Social sobre os meus objetivos com o estágio, percebi que esperavam que eu levasse um projeto para implementar na instituição, pelo que expliquei que, apesar de ter um tema que gostava de explorar, toda a minha intervenção será realizada com as pessoas e consoante o que fosse significativo para o contexto, pelo que denotei que ficaram impressionados com a minha resposta, mas de uma forma positiva por perceberem que teria uma forma diferenciada de atuar.

A minha integração na instituição e o “fazer parte” eram muito importantes para mim porque não queria que a minha presença fosse imposta, mas sim bem acolhida, o que também seria essencial para criar uma relação de proximidade com os/as utentes que iria

ser fundamental para a abordagem do tema do meu estudo. Pela sua importância, esta integração foi refletida por mim várias vezes nas notas de terreno:

“Acredito que esta receção por parte do Lar tenha sido um ponto chave para a minha integração no mesmo e o facto do Doutor H. ter falado sobre o meu estágio com os/as utentes no dia anterior demonstra um cuidado para com eles/as e para com o meu trabalho que foi essencial para me começar a sentir parte integrante da instituição.” (NT1);

“Eu estava sentada numa cadeira grande onde os/as idosos/as costumam estar sentados/as e a Doutora C. apontou para uma cadeira com rodas de estilo de escritório igual à deles e disse que era para mim para eu estar mais confortável ao que eu agradei e a Doutora C. disse que agora que somos três temos de ter as mesmas condições. Este acolhimento que sinto por parte dos técnicos tem sido fundamental porque sinto que tentam todos os dias integrar-me na instituição como se eu fizesse parte da mesma, estando até recorrentemente preocupados com as minhas expectativas e com o meu bem-estar geral.” (NT6);

“Soube que era a primeira vez da Dona I. a jogar Dominó com os seus 92 anos e no fim joguei também com elas porque a Dona N. quis sair e percebi que as senhoras gostaram de jogar comigo. Acredito que estes momentos sejam igualmente importantes e contribuem para a minha integração na instituição.” (NT11).

Recorrentemente os/as técnicos/as também perguntavam se precisava de alguma coisa e como me estava a sentir, o que fazia com que cada vez mais me sentisse apoiada:

“Mais uma vez, denoto uma grande preocupação por parte dos membros que estão comigo na instituição em saber se estou a gostar da experiência e se preciso de algo, sentindo-me assim parte integrante da equipa e considero que estes aspetos são muito importantes para um maior sucesso tanto do meu estágio como do meu estudo.” (NT31);

“Outro aspeto importante é que estive a trabalhar mais no computador e o Doutor H. ia perguntando se me estava a safar, denotando que se preocupa com o avanço do estudo e com possíveis necessidades que eu levante.” (NT48).

O meu trabalho na instituição não se baseou apenas na observação das atividades, mas também tentei sempre ajudar no que fosse necessário. Assim, auxiliiei o meu tutor na realização das atividades, através de ideias e na execução e participação nas mesmas com os grupos, elaborei um Kahoot com perguntas sobre cultura geral que tanto o meu tutor como os/as idosos/as gostaram por ser um recurso diferenciador e realizei um calendário que ficou exposto no Lar porque me apercebi que muitas vezes os/as utentes não tinham noção do dia em que estavam e desta forma iriam estar sempre informados/as em relação ao dia, mês, dia da semana e ano através da visualização do calendário.

Tive a oportunidade de ajudar nos preparativos da Festa de Halloween, Festa de Natal e Festa do Pijama realizadas e que foram muito apreciadas por todos/as. Também ajudava a movimentar as pessoas para a sala das atividades e para as mesas de refeição sempre que necessário ou realizava outro tipo de tarefas mesmo que inesperadas, demonstrando que o trabalho numa instituição como esta requer uma adaptabilidade constante face aos acontecimentos diários:

“Depois disto, a Doutora A. disse-me que o professor de ginástica tinha tido um acidente e não vinha e por isso eu e a Doutora estivemos a fazer uns pequenos exercícios com o grupo, até que chegou o Doutor H. e deu continuidade. Com este acontecimento, fiquei a refletir sobre a capacidade que temos de ter para nos adaptarmos ao contexto e às diferentes circunstâncias com que nos vamos deparando, como verdadeiros camaleões.” (NT27).

Os únicos momentos que me sentia mais desconfortável era quando chegava algum/a utente à instituição que não me tinha sido apresentado/a, mas com o tempo de permanência habituei-me a esse acontecimento, apesar de não concordar com essa forma de receber as pessoas que passam a fazer parte do Lar:

“Reparei de manhã que entrou uma senhora nova. Para ser sincera, não estranhei a presença da senhora e cumprimentei-a, dizendo-lhe o meu nome e perguntando o dela. Este já é uma conquista para mim porque antes sentia-me muito desconfortável quando chegavam pessoas novas que não me eram apresentadas.” (NT34).

Desde o início, senti-me sempre integrada e não senti grandes constrangimentos na minha presença na instituição, sendo que fui bem recebida pelos/as profissionais e pelos/as idosos/as que desde o primeiro dia me viram como um membro da equipa:

“Ressalvo também que hoje foi o primeiro dia, mas já houve pessoas que me pediram ajuda e me davam a mão, o que já demonstra alguma confiança e proximidade, não estranhando a minha presença, confirmando o que a Doutora C. me disse que «São malta muito boa!»” (NT1).

Termino com a consciência que nem sempre, em contextos de trabalho, serei assim recebida e admito que tinha muito receio da população que fosse encontrar não estivesse recetiva a novas chegadas como a minha, com formas de pensar e de agir diferenciadas, mas este tratamento permitiu-me ter uma grande abertura, confiança e à vontade para realizar o meu estudo e aprender mais.

4.2. Acompanhamento da equipa técnica: desafios e aprendizagens

O acompanhamento da equipa técnica foi uma das vertentes mais importantes do meu estágio porque tive a oportunidade de acompanhar de perto o trabalho do Psicólogo que era o meu tutor, da Educadora Social e um pouco da Diretora Técnica que me possibilitou muitas aprendizagens principalmente no que diz respeito a desafios que enfrentam enquanto técnicos de uma instituição destinada à população mais idosa.

Antes demais, o trabalho realizado por eles não se cinge apenas à execução das atividades, pelo que atendem também a outras questões que vão surgindo no quotidiano da instituição, seja relativamente a utentes, familiares ou mesmo em relação a problemas que vão surgindo na equipa. Mesmo o trabalho inerente à realização das atividades não é redutível e requer um cuidado constante para permitir que todos/as entendam e aproveitem esses momentos da melhor forma possível, mesmo que, por vezes, se baseie apenas numa conversa sobre algum tópico que esteja a inquietar o grupo porque a permanência na ERPI tem de ser agradável em todos os aspetos. É por estas razões que o trabalho desta natureza e neste contexto requer um conhecimento e uma proximidade muito grande com os/as idosos/as. De outro modo, a sua satisfação dos seus interesses e gostos e do bem-estar pode ficar condicionada:

“Falaram também sobre tentarem falar com o Sérgio Conceição porque conhecer o treinador do Futebol Clube do Porto é um dos sonhos do Senhor J. e falaram-me também sobre a importância de conhecer bem os/as idosos/as de forma a tentar agradar-lhes o mais possível porque acreditam que é isso que também distingue o trabalho que fazem no Lar.” (NT21).

Nesta ordem de ideias, o trabalho dos/as técnicos/as é visto como um trabalho de entretenimento e não tem a valorização devida:

“(…) quando a Diretora a veio ver deu-lhes os parabéns e disse que realmente o trabalho deles era pouco reconhecido e tinha sido abordado na última reunião que os técnicos deveriam de ser aumentados. Com isto, a Doutora C. disse que o trabalho deles não passava só por “entreter velhinhos”, mas era sobretudo uma atenção ao bem-estar dos/as utentes e para terem também uma melhor qualidade de vida.” (NT15).

Assim, uma das principais aprendizagens que me transmitiram foi, precisamente, que todos os trabalhos são necessários na comunidade, apesar de haver uma sobrevalorização de uns em relação a outros:

“Com esta conversa também desabafaram que o trabalho não é muito reconhecido porque a sociedade insiste em valorizar os médicos e categorias que alegadamente são mais elevadas, mas que se o lixo não for buscar o lixo, as pessoas ficam doentes e não há médico que as salve, percebendo-se assim a importância que todos os trabalhos têm para o bem da sociedade!” (NT18).

O tema da valorização salarial também era recorrente e pude perceber que as pessoas que trabalham neste tipo de instituições também não têm uma valorização monetária considerada justa precisamente por essa falta de reconhecimento pelo trabalho que é feito, mas também porque existe alguma falta de recursos por vezes: “(…) esta conversa faz-me refletir sobre as dificuldades de governação de uma instituição como esta em que os custos são naturalmente muito elevados e que dá a impressão que existe alguma precariedade de certo modo.” (NT30).

Considero importante referir que, durante todo o estágio, atentei em vários acontecimentos e conversas que me fizeram perceber que os Órgãos de Poder têm um

impacto muito grande em várias decisões que podem originar alterações não previstas e estes foram momentos relevantes para mim para perceber que são uma realidade laboral.

Esta experiência de estágio foi muito valiosa para mim enquanto profissional, pelo que também foi alvo de observação nas minhas notas de terreno:

“Esta conversa fez-me pensar na importância que tem para mim estar nesta instituição e aprender todos os dias com os técnicos sobre a nossa atuação em contexto de ERPI e sinto que esta é uma experiência muito enriquecedora para mim a nível profissional!” (NT17).

Este enriquecimento em muito se deveu aos/às técnicos/as que me acompanharam e que não me viram apenas como uma estagiária, mas como um membro da equipa, estando sempre disponíveis para me ajudar e disponibilizando todo o material necessário ao meu estudo e entendimento do contexto, razões pelas quais estarei eternamente grata.

4.3. Conversas informais com os/as utentes

A proximidade com os/as utentes era fulcral para o meu sucesso na instituição, pois pretendia que fosse estabelecida uma relação de confiança. Deste modo, as conversas informais foram surgindo consoante a vontade das pessoas em falarem comigo e serem ouvidas ou quando eu percebia que tinha espaço para tal, pelo que se verificavam no momento de os/as cumprimentar de manhã quando chegava ao estágio ou ao fim do dia quando me ia embora em que aproveitavam a minha presença para falar sobre variados assuntos.

Estas conversas eram sobre diversos temas, desde a meteorologia, consultas que iam ter, saídas ou momentos das suas vidas que queriam partilhar:

“Antes de se iniciarem as atividades, a Dona I. entrou na sala das atividades e eu sentei-me a conversar com ela porque sei que ela gosta de o fazer, pelo que me contou que irá fazer 93 anos dia 27 de novembro e acabámos por nos rir porque percebemos que temos exatamente 70 anos de diferença uma da outra. Contou-me também que durante a noite não dormiu porque tem uma filha que vive nos Estados Unidos e regressou esta noite e a Dona I. não se sente segura com as viagens de avião. Contou-me também que casou aos 18 anos e precisou de um consentimento dos pais para casar, visto que a maioridade era só aos 21 anos e tem atualmente 4 netos e 8 bisnetos que estão todos no estrangeiro. Falou-me do

seu amor pelo marido e disse-me que estavam destinados, terminando com um ditado popular “Casamento e mortalha no céu se talha”, referindo-se ao destino que acredita que já esteja traçado para todos nós.” (NT4);

“Já na parte da tarde, estive um pouco sentada com o Senhor J. a comer um rebuçado de mentol que ele amavelmente me dá e estivemos a conversar sobre a sua consulta e sobre o facto do padre ter ficado chateado com ele porque o telemóvel dele tinha tocado na missa no domingo passado (...)” (NT5);

“Da parte da tarde trabalhamos com o Grupo C e estivemos a conversar com eles/as porque a certa altura o Doutor foi chamado e eu fiquei com o grupo e a Dona A. demonstrou vontade em falar sobre aspetos da vida dela, então eu fui conversando com ela e o grupo estava muito atento a ouvir. Quando o Doutor chegou optou por continuar a conversa, não realizando a atividade que tinha pensada e fomos alargando ao resto do grupo.” (NT23).

Era, igualmente, possível perceber a perceção que tinham sobre o meu trabalho na instituição e de que forma estava a ser recebido:

“Começo por cumprimentar todos/as os/as utentes como habitualmente e fico logo feliz quando pergunto ao Senhor M. se está tudo bem e ele me diz “Ficou melhor agora que chegou”, demonstrando que, de alguma forma, a minha presença na instituição é valorizada.” (NT7).

Com estas conversas era possível perceber preocupações, interesses ou histórias que originavam reflexões e foram também importantes para a intervenção realizada porque foi pensada e concretizada de forma a responder a inquietações, como será explanado no subcapítulo que se segue.

4.4. Intervenção com os/as utentes e os/as netos/as

Após a conclusão das entrevistas, importava a realização de uma intervenção que fosse de encontro às respostas obtidas de forma a relacionar-se com alguns ideais do Desenvolvimento Comunitário para obter algum tipo de mudanças na comunidade e em que “(...) o seu objectivo primordial consiste na consecução do bem-estar social e, consequentemente, na melhoria da qualidade de vida da povoação ou comunidade objecto da intervenção (...)” (Gomez et al., 2007: 120).

Assim, o fortalecimento das relações familiares era essencial porque os pares referiram essa necessidade durante as entrevistas efetuadas.

Para a realização da intervenção, foi necessário reunir com a Direção da instituição e a Diretora Técnica, a fim de explicar os seus objetivos e respetivos procedimentos através de uma Proposta de Intervenção (Apêndice 11) que elaborei e que foi alvo de análise para, posteriormente, me ser transmitido em que condições poderia prosseguir com a concretização da intervenção. Foi necessário repensar alguns aspetos porque inicialmente pretendia realizar a atividade com o grupo, mas foi-me negada essa possibilidade e as sessões passaram a ser individuais com avós e netos/as, o que originou alterações também no pretendido para o desenvolvimento da intervenção. O espaço também foi alterado do salão de refeições para a sala de visitas que se revelava como um espaço mais íntimo e sem perturbações, mas que exigiu um cuidado acrescido para não serem marcadas visitas nas horas em que iria realizar as intervenções, apesar de ter autorização para utilizar o salão de refeições no caso de haver visitas, para não atrasar as intervenções.

Como também foi abordada a necessidade da realização de atividades na instituição aos fins de semana (tema abordado no capítulo 5), realizei quatro das cinco intervenções a um Sábado de forma a não interferir nas atividades realizadas pelos/as técnicos/as durante a semana e numa tentativa de responder, mesmo que de forma diminuta, às necessidades e inquietações dos/as utentes no que diz respeito à vontade de terem alguma atividade ao fim de semana: “Fiquei contente porque inicialmente parecia que não ia conseguir realizar as intervenções no Sábado como idealizei, mas serão concretizadas quatro intervenções e já vai ser possível responder melhor ao objetivo que tinha de realizar as intervenções ao Sábado” (NT53).

A marcação das intervenções foi realizada através de uma chamada telefónica para os/as netos/as e de uma conversa com os/as utentes.

4.4.1. Objetivos gerais e específicos da intervenção

Face ao explanado no ponto anterior, o objetivo geral (OG) da intervenção passou pelo fortalecimento das relações familiares entre os/as idosos/as do Lar e os/as seus/suas netos/as.

No que diz respeito aos objetivos específicos da intervenção, estes passaram por:

OE 1.1. – Promover a reflexão e a autoconsciência sobre a relação estabelecida entre os/as participantes;

OE 1.2. – Refletir sobre as qualidades da relação dos/as participantes;

OE 1.3. – Refletir sobre aspetos positivos e negativos da relação, bem como oportunidades de melhoria e ameaças que a podem prejudicar;

OE 1.4. – Promover a reflexão sobre a importância da realização de atividades entre avós e netos/as para o fortalecimento das relações.

Era importante que os objetivos específicos se alinhassem e decorressem do objetivo geral, pois “Num plano bem desenhado, os objectivos gerais devem decorrer das orientações, os objectivos específicos dos objectivos gerais e as acções devem decorrer dos objectivos específicos (...)” (Capucha, 2008: 33) de forma a ser uma intervenção com sentido que acontece de forma a atender a uma necessidade do contexto que foi sentida com a permanência na instituição e sobretudo com os resultados obtidos nas entrevistas com os/as participantes.

Foi, sobretudo, um exercício de autorreflexão e partilha em grupo sobre a relação de forma a perceber potencialidades e necessidades da mesma.

4.4.2. Desenvolvimento da intervenção

A intervenção com a maioria dos/as participantes ocorreu a um Sábado no dia 28 de janeiro de 2023, sendo que uma das sessões se realizou no dia anterior por uma questão de disponibilidade dos/as participantes.

Antes de se iniciarem as sessões, coloquei em cima da mesa vários objetos (marcadores coloridos, um sapato, uma caneta, uma borracha, um caderno, uma flor, um sublinhador, um relógio, uma tesoura, um par de óculos, uma calculadora, uma carteira, um perfume, um livro, uma régua, um batom, um garfo e um colar) para a realização da primeira dinâmica e que despertou a atenção dos/as participantes quando entravam na sala de visitas.

Inicialmente, foi feita uma breve apresentação da intervenção e dos objetivos da mesma aos pares de forma a terem conhecimento sobre o pretendido para reduzir o desconforto que poderiam sentir pelo facto de estarem numa situação aparentemente desconhecida.

De seguida, dei início à primeira dinâmica em que pedi que escolhessem um objeto dos que estavam distribuídos na mesa que os/as fizesse lembrar o/a avô/ó ou o/a neto/a. Esta dinâmica é inspirada na dinâmica “Sou um sapato”, de Brandes e Phillips (1977), e tinha como objetivo inicial associar uma qualidade do objeto que também se referisse à relação, mas logo na primeira intervenção foi possível perceber que o par teve muita dificuldade na realização do exercício e por isso tomei a decisão de o alterar.

Posto isto, foi solicitado que elaborassem um brasão (Apêndice 13) que espelhasse a relação entre ambos (Minicucci, 1987), sendo que tinham de colocar no topo do brasão uma frase ou palavras sobre a relação, desenhar no meio do brasão os objetos que escolheram e elaborar o restante com Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças dessa relação, baseado na Análise SWOT. Esperava-se que esta ferramenta permitisse explorar forças internas de forma a responder a oportunidades e anular as ameaças para evitar os pontos fracos (Bowman, Singh & Thomas, 2002; Helms & Nixon, 2010 in Nobre, 2016: 22-23). Desta forma, as forças representavam os aspetos positivos da relação, os pontos negativos diziam respeito às fraquezas, as oportunidades referiam-se aos aspetos externos que podiam melhorar a relação e as ameaças seriam os aspetos externos que prejudicam a relação. Através deste exercício, seria o momento ideal para os pares pensarem nas características positivas e negativas da relação que estabelecem e desse modo foi possível a reflexão sobre a qualidade da relação e possíveis pontos de melhoria. Desta forma, teriam o desenho do brasão da relação como um símbolo de família e de fortificação da ligação.

Em jeito de conclusão, foi feita uma reflexão em conjunto sobre as dinâmicas realizadas e a sua importância para refletir sobre os laços familiares e a necessidade de serem trabalhados.

Num momento final, como método de avaliação, foi realizada uma auscultação através de um breve questionário disponibilizado aos/às participantes, cujos resultados são apresentados no subcapítulo seguinte.

4.4.3. Resultados da intervenção: análise das sessões e da avaliação com os/as participantes

Através das intervenções anteriormente mencionadas, foi possível que os pares refletissem sobre a relação que estabelecem e foi um momento de grande partilha porque contaram histórias em conjunto que foram importantes para a relação.

Como frase ou expressão relativa à relação, a palavra “Amor” foi a mais referida, seguindo-se da palavra “Carinho”, “União” e “Família”. Enquanto realizavam este exercício, a maioria dos pares partilhavam que é um amor que é muito forte e sorriam ao pensar na relação que estabelecem.

Relativamente à primeira dinâmica, houve um foco grande nos estudos dos/as netos/as e por isso muitos/as avôs/ós escolheram o livro, a calculadora e os óculos como objetos que os/as fazem lembrar os/as netos/as. Já os/as netos/as focaram no batom pelas avós usarem, na flor por lembranças do jardim e no garfo por referência à comida.

Como pontos positivos da relação, foram abordados valores e educação que foram transmitidos e que se destacam na relação pelas aprendizagens que acarretaram. Houve também um destaque na compreensão, confiança, cumplicidade, diálogo, companheirismo e atenção existentes na relação. Um dos pares abordou que as saídas que têm em conjunto também representam uma força para a relação.

No que diz respeito aos pontos negativos, apenas um par abordou a teimosia e os conflitos como uma fraqueza e os restantes optaram por não colocar nada, alegando que não existiam aspetos negativos, provavelmente por não estarem preparados para abordar o que os incomoda ou porque se denota que por vezes existem situações familiares por resolver.

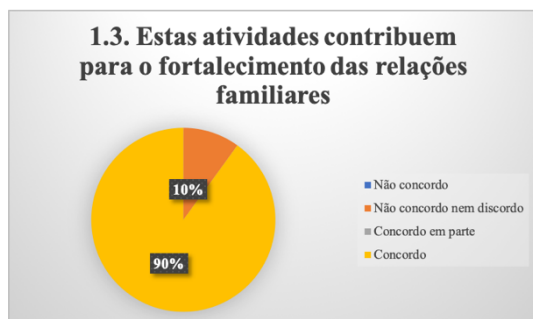
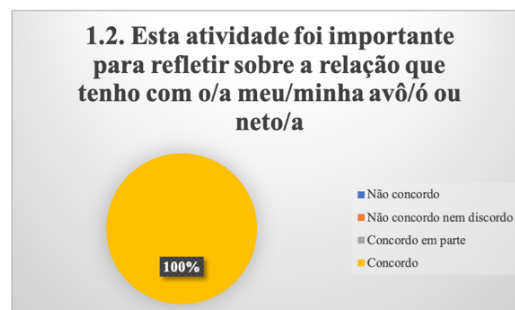
Já em relação às oportunidades, foi abordada a necessidade de uma maior frequência de visitas na instituição nos casos em que as visitas são escassas e, consequentemente, de mais tempo juntos/as. Também foi demonstrada a necessidade de uma maior abertura por parte da instituição relativamente às questões da Covid19 que limitam as visitas e a permanência dos/as familiares na instituição. A institucionalização foi vista por um par como um aspeto externo que melhorou a relação porque as

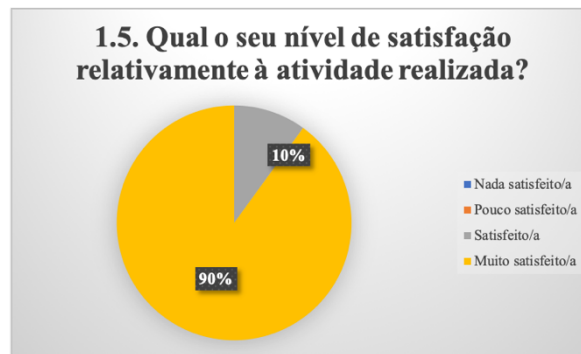
preocupações diminuíram pelo facto do/a utente estar ao cuidado do Lar e o/a neto/a delegar certas questões à instituição.

Por outro lado, as doenças, a perda de competências, as saudades, a distância e o trabalho dos/as netos/as são assumidos como ameaças às relações. Um dos/as avôs/ós referiu que o/a neto/a o/a procura poucas vezes e outro par referiu que a institucionalização é uma ameaça à relação porque o/a utente não concorda com a permanência na instituição e é motivo de discórdia entre eles/as.

A avaliação da intervenção foi feita através da disponibilização de um questionário breve aos/às participantes (Apêndice 14) para perceber se a intervenção foi de encontro aos objetivos estabelecidos, tendo-se cruzado a informação obtida com notas decorrentes da observação participante junto do grupo.

Todos/as os/as participantes se mostraram satisfeitos/as com a realização da intervenção, considerando-a importante para refletir sobre a relação estabelecida e para o seu fortalecimento, conforme ilustrado nos gráficos seguintes que apresentam os resultados da avaliação dos/as participantes:

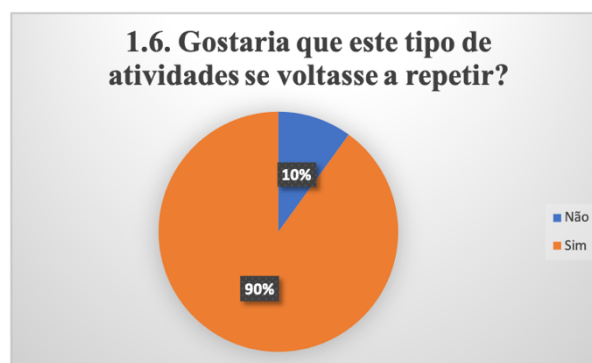




No campo aberto do questionário, os/as participantes abordaram que as histórias que me contaram e as lembranças que a intervenção proporcionou foram dos pontos mais positivos da intervenção e que haverá, assim, uma tentativa de melhoria dos pontos negativos apontados.

No geral, os pares deram importância à intervenção, afirmando que se poderia repetir mais vezes, como escrito por um/a dos/as participantes e apresentado no gráfico seguinte:

“Esta atividade esclarece e fortalece, sem dúvida, as relações familiares. Devia repetir-se”.



4.4.4. Reflexão sobre a intervenção desenvolvida

A realização da intervenção com os/as avós/ós e os/as netos/as foi importante para ir de encontro às respostas obtidas com as entrevistas aquando da abordagem do tema das relações familiares entre avós e netos/as após a institucionalização.

Como se denotou, na maioria dos casos, uma necessidade de uma maior aproximação, a intervenção foi significativa para proporcionar mais um momento de

partilha e possibilitou a reflexão em conjunto sobre a relação, um exercício que provavelmente nunca tinha sido realizado: “No fim a Doutora C. revelou que aquele foi um bom momento e que se devia de repetir mais vezes porque fez refletir sobre aspetos que não tinham sido tomados em conta anteriormente.” (NT53).

Os pares partilharam comigo vários episódios da infância dos/as netos/as com os/as avós/ôs, enquanto se riam e se divertiam a contar episódios engraçados, mas também expressaram que sentem saudades quando abordavam outros episódios mais sentimentais.

Foi possível perceber também que, nos casos em que a relação é positiva e muito próxima, não houve receios em realizar o exercício do brasão:

“A neta do Senhor R. chegou à hora estipulada e foi uma intervenção bem-sucedida porque a relação estabelecida entre eles é muito positiva e refletiu-se na intervenção em que partilharam momentos importantes dos dois e riram-se várias vezes de episódios caricatos que lhes foi acontecendo, refletindo também sobre pontos positivos e negativos sem quaisquer constrangimentos.” (NT54).

Noutros casos em que se denota alguma mágoa, a reflexão em conjunto para o brasão foi mais demorada e difícil porque nem sempre encontravam aspetos positivos ou pontos de melhoria, referindo também que não havia pontos negativos.

Numa das intervenções houve a partilha por parte de uma utente em relação ao facto de uma neta não a visitar, aspeto esse que apanhou a neta despercebida e lhe disse que iria tentar resolver o problema:

“O momento permitiu que refletissem sobre alguns episódios que viveram juntas e foi importante porque a Dona C. partilhou que uma das melhorias possível era um maior número de visitas e que lhe magoava o facto da outra neta não a visitar, pelo que a Doutora C. disse que ia falar com a irmã sobre esse assunto.” (NT53).

Relativamente à institucionalização, com a intervenção foi possível perceber que é assumida como um aspeto positivo quando é vista como uma oportunidade e como um aspeto negativo quando é entendida como uma ameaça, derivado, em grande parte, da qualidade da relação estabelecida entre avós e netos/as.

Por fim, importa referir que este tipo de atividades é importante para aproximar as famílias dos/as utentes e a realização de dinâmicas permite ter em consideração aspetos que são alheios habitualmente e que podem contribuir para o fortalecimento das relações.

Capítulo 5 – Institucionalização e relações familiares: análise de resultados

O presente capítulo debruça-se sobre a análise dos dados obtidos através da realização das entrevistas e do grupo de discussão focalizada sobre a temática da institucionalização e das relações familiares, nomeadamente entre avós e netos/as.

5.1. Institucionalização – representação(ões)

Num primeiro momento, foi pedido aos/às utentes que referissem duas palavras relacionadas com a sua família e foram mencionadas as palavras “amor”, “bem-estar” e “saudades”: “Olhe, penso nas saudades, se estou longe delas e que gostava de as ter presentes (...)” (Entrevista A.R.). Já em relação aos/às netos/as foi pedido o mesmo exercício, mas em relação aos/às avôs/ós e foi abordado igualmente o amor, o carinho, o rigor, a força e o respeito. Também foi feita alusão à capacidade de comunicação de um/a dos/as avôs/ós e foi recordada a infância, a comida e o cuidado com a imagem:

“Refeição e tudo o que seja muito, muito branco, muito límpido porque ela era uma pessoa muito briosa e tinha sempre muito cuidado com a apresentação e com a imagem, mas sem dúvida a refeição, a comida, sim, é as saudades que eu tenho.” (Entrevista C.F.).

Tanto nas entrevistas, como na intervenção realizada, houve referências ao amor e carinho sentidos, o que demonstra semelhanças nas respostas, quer em situação individual, quer em situação de pares.

Através da investigação realizada, foi possível perceber que os/as utentes entrevistados/as antes da institucionalização viviam com o/a cônjuge, um/a entrevistado/a vivia também com uma neta e outro/a vivia com a filha e o genro.

No que se refere às opiniões e sentimentos sobre viver no Lar, apenas um/a entrevistado/a referiu que não gosta de viver no Lar e os/as restantes referiram que gostam, sendo/a que um/a utente abordou a falta que sente da família:

“Bom, a opinião que eu tenho em viver no Lar é a seguinte, primeiro pela falta de a família que não está mais comigo, não convive comigo, o meu filho está nos

Estados Unidos, a minha filha também mora aí mas trabalha, a minha neta está na Suíça e está tudo ok. O meu sentimento aqui, o Lar para mim é bom, muito bom, mas bom mesmo (...)" (Entrevista A.M.).

Esta referência vai de encontro ao defendido por Martins (2022), quando refere as perdas associadas à institucionalização como a perda do contacto familiar.

Do mesmo modo, os/as netos/as falaram sobre a entrada dos/as avôs/ós no Lar e foi referido que foi uma decisão positiva pelo acompanhamento que os/as utentes têm, mas que é mau porque estes perdem o acesso a muitos dos seus pertences, reconhecendo que a institucionalização não foi uma decisão fácil. Em alguns casos, a institucionalização é entendida como benéfica para a vida dos/as utentes pelas mudanças que proporcionou, fazendo com que fosse percecionada de outro modo:

"(...) quando ela veio e porque teve que ser e ela própria concordou, não foi imposto, em pouco tempo eu mudei a minha opinião que era negativa em relação ao Lar para completamente positiva porque vi uma mudança brutal, ela parece que rejuvenesceu quando veio para cá. Pela interação de já não estar sozinha em casa, ter com quem falar, pronto agora está pior que ouve pior, mas de ter mais atenção, de até de sair, ela em casa não comia de tudo, aqui passou a comer de tudo, portanto achei que a integração dela foi ótima e que foi muito bom para ela, passei a ter uma opinião positiva quando anteriormente não tinha tanto, por falta de conhecimento também, claro assumo." (Entrevista M.M.).

Como já abordado ao longo deste relatório, a temática dos fins de semana foi falada várias vezes em conversa com os/as utentes ao longo do meu estágio:

"«Isto ao fim de semana é um cemitério!» diz-me o Senhor M. depois de lhe perguntar como foi o fim de semana. É recorrente esta questão do fim de semana como uma altura da semana em que nada acontece e volto a refletir sobre a necessidade da presença dos técnicos na instituição durante estes dias." (NT19).

Assim, senti a necessidade de a abordar durante as entrevistas de forma a perceber quais eram as perceções sobre esta altura da semana e se a presença de técnicos/as na instituição era uma necessidade.

As respostas foram muito semelhantes e a maioria referiu que não existe respeito durante os fins de semana pela falta de técnicos/as no Lar e um/a utente falou também da comida e da diferença que sente por não ver passar as crianças do infantário, apelidando o fim de semana de “cadeia”:

“Bom, sobre o final de semana, em primeiro lugar, a gente está acostumada a ter o convívio flutuante, as crianças passando ali e coisa e tal, então o final de semana aqui para a gente é como diz o outro, é uma cadeia, mas de qualquer das maneiras é um bom lugar, agora as pessoas falam, uma coisa que tem aqui de ruim é o seguinte, o atendimento de restaurante ao Sábado e Domingo é péssimo, muito péssimo, a comida é péssima, não tem sabor nenhum, não tem sal. (...)” (Entrevista A.M.).

É neste sentido que é reconhecida por todos/as a importância da presença dos/as técnicos/as na instituição durante o fim de semana para um maior respeito, apesar de compreenderem que há a necessidade de descanso: “Eu acho que sim que deviam estar, eu acho que deviam estar, pelo menos, não todos porque têm de descansar não é, mas revezarem-se, uma semana um, uma semana outro, ter sempre uma pessoa que impusesse o respeito” (Entrevista A.R.).

No grupo de discussão focalizada com os/as profissionais também quis perceber a perceção que os/as técnicos/as têm sobre o comportamento e dinâmicas dos/as utentes ao fim de semana e com a ausência de técnicos/as. Desta forma, foi abordado que os/as idosos/as se queixam sobre esta altura da semana, sentem falta de movimento pela falta de técnicos/as e atividades e por não passarem as crianças, abordando uma frase que é utilizada por um utente para se referir ao fim de semana: “Eu acho que a questão que melhor caracteriza, a frase que melhor caracteriza é do Senhor A. M., ele diz que ao fim de semana nem passarinho pousa aqui no jardim.” (GDF - Psicólogo). As saídas dos/as utentes também são encaradas como uma das razões que contribuem para uma maior tristeza por parte de quem não sai:

“Eu acho que é o vazio, o vazio porque vejo os meus colegas a sair, é o vazio porque ninguém chegou, é o vazio porque ninguém circula e eu fico aqui sozinho, muitas vezes o meu colega do lado não está, não tenho com quem conversar, amuo (...)” (GDF - Educadora Social).

Apesar disto, a realização de atividades, ao fim de semana, teria de ser um processo bem planeado e teria de haver mais elementos, segundo a opinião dos/as profissionais, mas é considerada uma utopia:

“Eu acho que essa questão é um bocadinho utópica. Da forma como as instituições estão organizadas e as mentalidades também, estamos longe de conseguir esse objetivo, acho um bocadinho utópico. (...) acho mais adequado uma mudança radical nas famílias mesmo e com o apoio do serviço domiciliário e menos instituição. Eu sei que isto que seria uma mudança muito grande, tinha que haver um investimento muito grande porque o que custa aos idosos no meu entender é deixarem a sua casa para virem para uma instituição, portanto se eles tivessem o apoio, tinha que ser um apoio muito bem estruturado nas suas residências, resolvia todas essas questões que está aí a dizer, agora trazer tudo para as instituições nomeadamente essa questão torna-se um bocadinho utópico, depois para efetuar torna-se utópico.” (GDF - Membro da Direção).

O fim de semana é percecionado, assim, como uma altura da semana mais penosa pela monotonia e falta da rotina habitual da semana e a presença dos/as profissionais é sentida como uma necessidade por parte dos/as idosos/as, mas requer muito ponderação.

5.2. Relacionamento com familiares

Relativamente à proximidade com familiares, os/as familiares mais próximos/as dos/as utentes entrevistados/as são os/as filhos/as, netos/as, bisnetos/as e em alguns casos irmãos/ãs, sobrinhos/as e genros/noras.

Era importante perceber alterações na relação com os/as filhos/as após o nascimento dos/as netos/as que poderiam afetar as relações entre avós e netos/as e das respostas dadas, não houve alterações significativas.

Pelo grande número de bisnetos/as existentes e pelo facto de os/as utentes fazerem referência a eles/as, no grupo de discussão focalizada os/as profissionais referiram que sentem que os/as utentes regressam mais felizes quando estão na presença dos/as bisnetos/as por serem crianças e desta forma “O facto de serem membros mais pequeninos, a infância, fá-los... provoca mais alegria.” (GDF - Educadora Social).

Quando questionados/as sobre o que é que os/as utentes sentem mais falta em relação às suas famílias, as saídas e as visitas são apontadas como uma necessidade: “Nestes últimos três anos acho que foi mesmo a presença mais assídua porque existia porque nós antes da pandemia nós tínhamos um horário de visitas muito prolongado (...)” (GDF - Encarregada Setor A.A.D.).

As visitas, saídas, o relacionamento com os/as netos/as e o contributo da ERPI será abordado nos subcapítulos que se seguem.

5.2.1. Frequência de visitas e saídas

A visitas mais frequentes dos/as idosos/as entrevistados/as são os/as netos/as, por vezes acompanhados/as dos/as bisnetos/as, filhos/as e noras e na sua maioria realizam-se uma vez por semana. Maior parte dos/as netos/as também referem que visitam os/as avôs/ós uma vez por semana ou consoante disponibilidade. Os/as profissionais consideram que são mais os/as filhos/as que visitam os seus pais e que as visitas se realizam uma a duas vezes por semana.

No que diz respeito às saídas, os/as idosos/as referem que não realizam muitas saídas e as que realizam acontecem maioritariamente ao fim de semana. Um/a dos/as idosos/as revelou a falta que sente da família, usando uma frase que habitualmente expressava:

“Não, com a família não tenho saído, saí Domingo (...) Mas eu sinto muita falta de família, muita falta de família (...) Eu tenho uma coisa que eu sempre falo para todo o mundo “Família a coisa mais bonita que existe é em fotografia no quadro”, no quadro é bonito ninguém fala mal, ninguém fala bem, todo mundo contente (...)” (Entrevista A.M.).

Os/as netos/as revelaram que não saem com os/as avôs/ós a não ser para almoços, jantares ou festividades, à exceção de um/a que sai com o/a avô/ó todos os fins de semana. Também os/as profissionais referem que as saídas acontecem mais ao fim de semana e é referido que os problemas de saúde e o grau de dependência interferem nesta questão:

“Se calhar também podemos acrescentar que tendo em conta o grau de dependência são os mais autónomos que saem mais da instituição e nem tanto os mais dependentes. Todos os idosos que evidenciam alguma dificuldade motora

têm mais dificuldades nas saídas para casa do que propriamente alguém sem dificuldade motora.” (GDF - Educadora Social).

Esta problemática da dependência em relação às visitas e às saídas foi refletida por mim durante o processo de estágio porque percebi que era uma realidade existente: “Deixa-me a pensar que, de certa forma, quanto mais dependentes estão as pessoas, mais sozinhas ficam porque as visitas são cada vez menos recorrentes e deve ser muito duro para quem tem essa consciência do que vai acontecendo.” (NT20).

Desta forma, é notório que o número de visitas e de saídas não é muito elevado e tem alguns impactos nos/as utentes que sentem essa necessidade.

5.2.2. Mudanças no relacionamento familiar após a institucionalização

Como já abordado anteriormente, a institucionalização pode ter impactos no relacionamento familiar, mas os/as utentes entrevistados/as referiram que não sentiram muitas mudanças no relacionamento familiar depois de irem viver para o Lar, apenas sentem mais saudades da família: “Não, só senti saudades de estar com eles mais porque a gente convivia mais (...)” (Entrevista A.R.).

Na opinião dos/as profissionais, há um afastamento da família principalmente porque as responsabilidades são delegadas à instituição:

“(...) Eu acho que de uma forma geral há um afastamento, eu acho que é como a C. um bocadinho o que ela estava a dizer, eu acho que esse afastamento até acaba por ser inconsciente, há uma desresponsabilização, no sentido que enquanto tu institucionalizas passas a passar as responsabilidades para o lado de quem cá está. (...) a família afasta-se um bocado de tudo isso, nós levamos à consulta, nós levamos ao exame e acho que muitas vezes não conscientemente, mas mais inconscientemente há esse afastamento da família relativamente ao idoso.” (GDF - Psicólogo);

À semelhança dos resultados obtidos por Rebelo (2013) e Batista (2021), o que foi defendido pelos/as utentes e netos/as entrevistados na minha investigação é que não foram notadas diferenças no relacionamento familiar depois da institucionalização.

5.2.3. Relacionamento com os/as netos/as: impactos da institucionalização e necessidades

O relacionamento com os/as netos/as era o foco principal desta investigação e da intervenção realizada e, por isso, importava perceber como era a relação antes da institucionalização e após para perceber que mudanças tinham ocorrido e quais as necessidades sentidas.

Antes da institucionalização, os/as utentes entrevistados/as referem que a relação era boa, à exceção de uma utente que considera que a relação já não era boa antes de ir para o Lar: “Já era má porque elas abandonaram-me! Depois de entrar no Lar eu fiquei sozinha e elas vinham-me buscar para passear, começaram a deixar de passear. (...)” (Entrevista C.F.).

Na perspetiva dos/as netos/as, a relação era igualmente boa, apesar de revelarem que estavam juntos/as com menos frequência em alguns casos: “(...) era um bom relacionamento completamente à vontade, agora a frequência de estarmos juntas já não era tanta como quando era criança e adolescente.” (Entrevista M.M.). Um/a neto/a refere que a relação não era pautada por atos de carinho: “Tudo o que seja ato carinhoso, eu não me lembro da minha avó me dar um beijo ou me dar um abraço ou me dar um carinho (...)” (Entrevista C.F.), o que pode ser a causa de uma menor proximidade.

Atualmente, os/as utentes que revelaram ter uma boa relação com os/as netos disseram que continuam a ter. Os/as netos/as referem algumas mudanças no relacionamento, pois um/a refere que se mantém o bom relacionamento, outro/a menciona que os problemas de audição prejudicam a relação e outro/a aborda que gostava de estar mais presente, mas não tem essa possibilidade por estar emigrado/a: “Também acho que é uma relação boa, se calhar gostava de estar mais com ele, mas não se pode ter tudo e ainda por cima estando a viver noutro país é mais complicado.” (Entrevista C.M.). Há ainda a referência a uma melhoria da relação por um maior carinho e pela diminuição das preocupações:

“Eu acho que atualmente o meu relacionamento com a minha avó é melhor do que o que era, sim, tenho essa noção, apesar, não consigo compreender, não é? Mas sinto-me mais ligada a ela neste momento do que quando ela estava em casa, sim. O carinho, a afetividade, o perceber que ela tem extrema necessidade de algumas coisas (...)” (Entrevista C.F.);

“É fantástico porque eu costumo lhe dizer “Oh avô isto agora ficamos só com as partes boas, é o passear, é ir comer fora, é estar com a família”, já não tenho aquela parte de tenho que me preocupar com a medicação, se toma, se não toma, se tomou a horas, se tomou direito, não tenho que lhe dar banho, não tenho que fazer limpezas de casa, eu agora fiquei com a parte fixe que é vir buscá-lo e passear (risos).” (Entrevista H.R.).

Neste sentido, com a pergunta sobre as mudanças no relacionamento depois de ingressarem no Lar, é possível perceber que alguns/umas idosos/as sentem que não mudou nada, mas também é referido que estão com os/as netos/as com menos frequência:

“Elas agora é que eu precisava de carinho, não é? (...)” (Entrevista C.F.);

“Sim, vemo-nos menos vezes (...)” (Entrevista A.R.);

“Não, não, não! Não houve mudança nenhuma. Claro que não as vejo todos os dias, nem estou com elas (...)” (Entrevista A.A.).

Os/as netos/as entrevistados/as também revelam que não sentiram grandes mudanças com a institucionalização:

“(...) não sinto que a relação tenha piorado ou melhorado, eu diria que é uma relação igual porque nós temos convivido na mesma (...)” (Entrevista C.M.);

“Não, acho que o motivo não é ela ter entrado no Lar porque se ela estivesse em casa o nosso relacionamento acho que ia ser exatamente igual. (...)” (Entrevista M.M.);

“Não. É igual.” (Entrevista P.R.).

Há netos/as que referem que a relação melhorou com a institucionalização:

“Queremos que ela permaneça à nossa beira porque é o nosso elemento da nossa família, mas acho que a minha relação com ela fortaleceu desde que ela veio para aqui, pronto.” (Entrevista C.F.);

“(...) a minha relação até melhorou porque eu não tenho aquela... não estou assoberbada com outras coisas que teria que dar mais atenção para o bem-estar físico dele que se calhar não dava tanto ao bem-estar emocional, não é, porque

estava mais focada noutras coisas em si, não, é só o que é que lhe apetece comer e para onde é que ele quer ir, não custa nada (risos).” (Entrevista H.R.).

Também Silva (2011), na investigação realizada com pais/mães e filhos/as, aborda esta diminuição de preocupações e conflitos que contribui para a melhoria da relação: “Algumas das entrevistadas notam que a relação com pai/mãe melhorou após a institucionalização pois os conflitos anteriores dissiparam-se com a solução encontrada (...)” (p. 61).

Sobre a relação entre avós e netos/as, depois de ingressarem no Lar e se a institucionalização afeta essa relação, as opiniões divergem entre os/as profissionais, pois há profissionais que defendem que as relações se alteram e outros/as referem que as relações se mantêm, consoante a qualidade da relação:

“Após entrada eu acho que a relação fica talvez se calhar um bocadinho estremecida porque no fundo eles são separados do núcleo deles, não é? (GDF - Encarregada Setor A.A.D.)”;

“Afeta sempre. Em alguns casos para melhor, em outros casos para pior, mas afeta sempre.” (GDF - Diretora Técnica).

“Da minha experiência acho que a relação continua a ser a mesma...” (GDF - Roupeira);

“Eu acho que se os vínculos tiverem, vão-se manter os vínculos, se havia relação eles vão-se acabar por manter.” (GDF - Psicólogo);

“(...) quem já tem um vínculo estreito com os netos, continua a tê-lo cá dentro. É aquela permissão de “Ele está muito ocupado com o trabalho porque ele tem que ganhar a vida, ele tem que trabalhar e eu estou aqui, quando ele puder ele vem cá”, é mais por aí.” (GDF - Educadora Social).

Quando questionados/as sobre se estavam felizes com a relação que têm com os/as netos/as a maioria dos/as utentes referiu que sim:

“Estou feliz, estou feliz! Ela também quando ela “Ó avô, como é que vai? Tudo bem?”, olha é aquilo que eu falei, o que está na cabeça e o que está no coração gravado, boa amizade familiar e coisa e tal, nunca é esquecida, agora quando só

existe isso interesseiramente não vale a pena viver. A amizade tem de estar aqui e aqui (aponta para a cabeça e coração), quando ela está aqui e aqui está boa. Coisa melhor que isso não há.” (Entrevista A.M.);

“Sim, sem dúvida nenhuma. (...)” (Entrevista A.R.);

“Muito, muito, muito. O meu mais velho, o meu neto mais velho adora-me coitadinho. É como eu digo, foram criados comigo, ganhei amor a eles e eles a mim (...)” (Entrevista A.A.);

“Deixa. Sim, sim!” (Entrevista A.A.).

Um/a idoso/a menciona que pretendia que a relação fosse um pouco diferente: “A relação gostava que fosse diferente nesta altura. (...)” (Entrevista C.F.).

Durante as entrevistas aos/às netos/as, considerei importante questionar se mudariam algum aspeto na relação estabelecida com o/a avô/ó e a maioria referiu que não, à exceção de um/a dos/as netos/as que referiu que melhorava a comunicação: “(...) acho que mudaria isso se pudesse melhorar a comunicação de alguma forma, pelo menos ele se sentiria acarinhado se eu ligasse e se nós falássemos pelo menos com mais frequência.” (Entrevista C.M.).

Apesar de não serem referidas grandes alterações da relação com a institucionalização, é evidente a necessidade de estarem mais vezes juntos/as, tanto no caso dos/as idosos/as, como no caso dos/as netos entrevistados/as.

5.3. Contributos da ERPI

O contributo da ERPI para a melhoria das relações familiares estabelecidas era um questionamento essencial para ter a perceção dos/as idosos/as e dos/as netos/as sobre o trabalho realizado na instituição de forma a responder a potenciais necessidades levantadas.

Neste sentido, também era relevante perceber a importância da participação da família nas dinâmicas e atividades do Lar, bem como propostas de mudança por parte dos/as profissionais da instituição de forma a aproximar as famílias do Lar e consequentemente, dos/as idosos/as institucionalizados/as.

5.3.1. Estimulação e melhoria das relações familiares

No que diz respeito ao que é feito pelo Lar para estimular as relações familiares, a maioria dos/as idosos/as não explicaram o que é feito em concreto, apenas referindo que concordam que o Lar contribui para a estimulação das relações: “Eu acho que o Lar procura o relacionamento dos familiares com os familiares dos internados cá, que esteja estável, que seja harmonioso, eu penso isso, não vejo o contrário disso. (...)” (Entrevista A.R.). Sobre o que pode ser feito pelo Lar, o que é mais referido pelos/as utentes é que não há nada que possa ser feito ou então que desejam que regresse a abertura que existia antes da Pandemia Covid19 em que os/as familiares tinham liberdade para ir e estar na instituição livremente:

“O que é que pode ser feito? (Pausa). Bom, haver mais facilidade de ter convívio entre as pessoas, elas agora não vêm, tem que ir lá fora, porque nós antigamente as pessoas, a minha filha, a minha neta comiam muitas vezes na cozinha com eles, comíamos juntos lá, a gente pagava o prato mas comíamos juntos todos na mesa, havia um convívio assim mais mútuo, hoje não tem ninguém a visitar e isso faz falta para as pessoas que estão aqui, muita falta, mas muita falta mesmo porque a pessoa que está acostumada a ter convívio constante, passar um dia inteiro, dois, três, quatro, cinco é complicado, é péssimo, mas não é só para mim, é para vocês também. Mas há um ditado que eu sempre digo “Aproveite o agora que daqui a pouco pode acabar”.” (Entrevista A.M.);

“Ora bem, a família entrava sempre para ver quem está doente e agora não, a família não entra, eu posso ir, posso ir quando eu quiser (...)” (Entrevista A.A.).

Além de referirem que o Lar faz tudo para estimular as relações familiares, os/as netos/as entrevistados/as também falam sobre o Dia dos Avós e o Dia da Família como momentos importantes proporcionados pelo Lar que contribuem para essa estimulação:

“As pequenas atividades, por exemplo o Dia do Avô (...) por isso eu acho que essas atividades não só são boas para a família, mas são melhores ainda para os idosos porque eles também não se sentem tão sozinhos (...)” (Entrevista C.M.);

“(...) lembro-me que uma vez por ano que há a festa da família, a questão do Dia dos Avós, quando era a festa de Natal e davam nota também para nós podermos vir, mais nesse sentido.” (Entrevista M.M.).

Há também a referência ao trabalho que é feito pelo Psicólogo e pela Educadora Social, através das atividades que são reconhecidas pela importância que têm para os/as idosos/as e para o conhecimento da família sobre a participação e motivação dos/as mesmos/as:

“Primeiro têm uma página de Facebook que nos deixam perceber o que é que fazem e manter os nossos velhinhos com atividade e não ficarem só sentados numa cadeira a olhar para a televisão e procuram sempre que nós nos envolvamos nas coisas, dão sempre muito feedback. Uma coisa que eu achei imensa piada foi eu ter vindo assinar a avaliação do meu avô, se ele tem bom desempenho, se tem capacidade de memória, se tem destreza manual, pronto, relações interpessoais com os funcionários e com outros utentes do Lar, achei um piadão porque eu não tenho filhos e achei um piadão, quer dizer normalmente vamos assinar as notas dos filhos à escola, eu vim assinar as notas do meu avô ao Lar (risos), mas acho que procuram sempre envolver e qualquer coisa alertam logo (...)” (Entrevista H.R.).

Sobre o que pode ser feito pelo Lar, os/as netos/as referem que não pode ser feito mais nada e também há entrevistados/as que referem que é necessária uma maior aproximação das famílias:

“Assim de repente não consigo ver o que é que se pode fazer para a nível de instituição porque, sei lá, entre metê-los numa carrinha quando há as férias das crianças, as férias intercalares nas aulas e as férias grandes, entre metê-los numa carrinha da instituição e ir dar uma volta, entre fazer os lanches lá fora em que ele para não perderem a noção do dinheiro, por estarem numa esplanada a pedir alguma coisa, eu acho que já são iniciativas tão à frente que não consigo pensar assim em nada que... porque eles, lá está, eles também precisam de sossego e de calma porque não têm trintas nem quarentas nem sessentas, portanto também não podem andar sempre de roda no ar, mas como lhe digo, não sei, não consigo chegar lá (risos).” (Entrevista H.R.);

“(...) pode ser uma ideia também fazerem atividades assim que nos chamem cá, uma coisa assim mais interativa (...)” (Entrevista C.M.);

“Ora bem, eu acho que é mais haver se calhar mais comunicação e pronto se calhar mesmo nesse sentido de desenvolver mais atividades que proporcionem isso.” (Entrevista M.M.).

Em relação às propostas de mudança por parte da instituição, os/as profissionais no grupo de discussão focalizada defendem que não consideram que poderão fazer mais porque as relações têm de ser mantidas pelos/as utentes e familiares e tudo depende da qualidade dessa relação:

“(...) Não estou a ver o que poderá fazer muito mais para acrescentar a essas relações, as relações têm de partir da motivação que a família ou o utente tem para estar uns com os outros e não propriamente a instituição.” (GDF - Psicólogo);

“Também não sei se tem a ver com o que vem para trás. Eu acho que aqui é o reflexo da vivência para trás. Quando há uma boa vivência a coisa continua aqui, quando não há, quando há quebras, quando há cortes, quando há problemas, aqui então deixa de existir qualquer relação. Eu acho muito isso, quando a vivência para trás não é boa, é com algum ruído, é com algumas dificuldades, aqui às vezes acaba por se partir.” (GDF - Diretora Técnica);

“Quando falas do que é que se pode fazer eu acho que o Lar já faz que é sobretudo ouvir, ouvir os utentes, ouvi-los e perceber aquilo que eles precisam, se manter o afastamento, se proporcionar alguma presença (...)” (GDF - Educadora Social).

Desta forma, apesar de ser percecionado o contentamento existente em relação à atuação do Lar, uma maior aproximação da família é uma referência e uma possibilidade de melhoria.

5.3.2. Participação dos/as familiares nas atividades desenvolvidas pela ERPI

Para concluir, importava questionar utentes e familiares sobre a importância da participação da família nas atividades e dinâmicas do Lar e todos/as consideraram importante esta participação:

“Também era importante para elas verem o trabalho que a gente está a fazer, não é? (...)” (Entrevista C.F.);

“Claro que sim, acho muito importante, não só porque acho que é importante e é diferente e confio nos profissionais que fazem as outras atividades com elas, não é, durante a semana, mas haver isso também sim, acho que é muito importante... pelo menos para quem se interessa e continua a querer estar com, que é o meu caso.” (Entrevista M.M.);

“Sim. Algumas atividades que eles façam que as famílias possam ver, eu acho que eles também sentem outro entusiasmo com isso, com participar nessas atividades, se tiverem alguém a ver eu acho que eles sentem outro ânimo.” (Entrevista P.R.).

Em relação à altura mais conveniente para a participação da família nas atividades e dinâmicas do Lar, o fim de semana foi apontado como a preferência da maioria dos/as entrevistados/as, assim como feriados, épocas festivas e Verão pelo bom tempo que se faz sentir.

Capítulo 6 – O papel do especialista em Ciências da Educação: Envelhecimento e Institucionalização em ERPI

Após ter dado conta do meu percurso de estágio, no que diz respeito à sua caracterização, enquadramento teórico-conceitual e metodológico, percurso do estágio, intervenção realizada e resultados da investigação, é chegado o momento de fazer uma reflexão sobre este caminho percorrido, principalmente no que diz respeito ao meu papel como especialista em Ciências da Educação.

Como estagiária da instituição, tive a oportunidade de observar as dinâmicas, rotinas e formas de agir. Foi também possível, como já abordado ao longo deste relatório, a realização de uma intervenção que foi elaborada com base nos resultados obtidos na investigação, e por isso, a intervenção socioeducativa resultou de um processo investigativo com o/a outro/a e a sua experiência na instituição. A esta ligação está inerente um tempo de permanência no terreno, em que a relação é encarada como ingrediente da intervenção.

Esta investigação permitiu perceber que os/as utentes gostam de viver no Lar e a institucionalização é percecionada como um acontecimento positivo pelo acompanhamento que é dado aos/às idosos/as, sendo que por vezes traz mudanças positivas pela diminuição das preocupações por parte da família. Desta forma, não são sentidas grandes mudanças nas relações familiares com a institucionalização, apesar de haver um afastamento generalizado, na perspetiva dos/as profissionais.

Deste modo, não foram sentidas alterações nas relações estabelecidas entre avós e netos/as, mantendo-se conforme a qualidade da relação, o que está em linha com a opinião dos/as profissionais que referem que as relações quando são positivas, se mantêm positivas e vice-versa.

Há um grande reconhecimento no trabalho realizado pela ERPI, principalmente nas atividades realizadas com os/as idosos/as, sendo defendido que a instituição já faz o que lhe compete, apesar de ser reconhecido que há a necessidade de uma maior aproximação das famílias. Sobre esta aproximação, na forma de participação nas atividades, é reconhecida a sua importância por parte dos/as utentes e familiares, mas, para os/as profissionais, estas alterações teriam de ser bem pensadas, uma vez que são entendidas como “utopia”. Estas atividades, idealmente, aconteceriam aos fins de semana,

que são alturas difíceis para os/as idosos/as, sendo também reconhecida a necessidade de técnicos/as na instituição nesta altura da semana, para combater a ideia de que “nem os passarinhos pousam”, como tantas vezes foi referido por um/a dos/as utentes do Lar.

Também com a intervenção foi possível perceber que as atividades em pares são muito valorizadas e desejadas e que, apesar das relações serem positivas na sua maioria, é clara a necessidade de uma melhoria das relações familiares.

Apesar disto, os/as profissionais revelaram que, com o passar dos anos sentem cada vez mais a presença das famílias nas instituições, combatendo a ideia de Lares como “depósitos”, como muitas vezes é referido e é esperado que esta tendência se mantenha:

“Mas hoje em dia as famílias são mais presentes. Há cerca de 12 anos nós não tínhamos aqui nenhum familiar porque era quase como chamado um “depósito” entre aspas, punham aqui os familiares e não eram nada presentes. Hoje em dia já a relação entre utente família é outra, foram se calhar melhor tratados ou não, mas a relação entre pais, filhos, netos já é mais presente (...)” (GDF - Enfermeira);

Com esta experiência de estágio, pretendia também, através de um olhar externo, devolver à instituição uma reflexão sobre o trabalho lá realizado. Ou seja, com base nos meses de permanência na instituição e na oportunidade de a conhecer mais proximamente, propor uma reflexão sobre as práticas e permitir que a instituição reflita sobre novas formas de ser, de atuar e de agir, num exercício de reflexão/questionamento do instituído.

Deste modo, foi possível perceber a necessidade que se sente de haver mais técnicos/as na instituição, para ser possível chegar a todos/as os/as idosos/as, principalmente àqueles/as que precisam de mais cuidados por serem mais dependentes e, muitas vezes, com problemas de saúde severos. Esta realidade estava muito presente quando trabalhávamos com o Grupo C, que era um grupo um pouco extenso e exigia uma atenção individual com cada um/a, o que não era possível por questões de tempo e organização, sendo, aliás, este um tema falado várias vezes por mim e pelo meu tutor:

“Quando terminou a atividade fomos para o piso de baixo e o Doutor disse-me que vai ter de dividir o grupo para trabalhar individualmente com eles/as, eu disse-lhe que se ele quisesse eu podia ficar com um dos grupos, mas o Doutor disse que o problema é que eu vou embora em fevereiro e depois ele volta a ficar sozinho, dizendo-me também que seria mais fácil se realmente houvesse mais

um/a técnico/a a ajudar no trabalho com os/as idosos/as, principalmente os/as que estão no andar de cima, um assunto que o Doutor já tinha falado comigo sobre essa necessidade da instituição” (NT36).

A comunicação entre a equipa também era uma das problemáticas sentidas, porque não são realizadas reuniões entre todos/as e as informações vão chegando consoante a partilha que é realizada. Por esta razão, em conversa com o meu tutor, também me foi dito que era importante a realização de reuniões do género do grupo de discussão focalizada que realizei com os/as profissionais para se discutir em conjunto vários temas que sejam do interesse da instituição e dos/as utentes:

“Disse-me também que era importante realizar uma vez por mês uma discussão em grupo semelhante à que realizamos para abordar o meu tema para falarem sobre aspetos do Lar que deviam de ser abordados, mas que essas conversas nunca acontecem.” (NT50).

Através do grupo de discussão focalizada com os/as utentes, questioneei-os/as sobre as atividades realizadas pelos/as técnicos/as porque os/as utentes não expressavam a sua opinião sobre as atividades e assim eu pude devolver aos/às técnicos/as algumas das perceções abordadas pelos/as idosos/as:

“Falamos também sobre a importância para os técnicos de saber a opinião dos/as idosos/as sobre as atividades que se vão realizando porque a Doutora viu que seria uma pergunta do grupo de discussão focalizada e eu expliquei-lhe que tinha percebido essa importância porque os/as idosos/as não conseguem dizer a opinião deles/as sobre as atividades quando os técnicos estão presentes com medo de os ferir de algum modo e que a minha presença na instituição também passa por ajudar os técnicos de alguma forma por ter uma visão externa sobre o Lar.” (NT40).

Por fim, através das minhas observações e dos resultados da investigação e da intervenção, considero importante uma maior ligação da instituição com a família, de modo a suprir uma necessidade que é sentida por muitos/as idosos/as. Esta resposta pode ser realizada com recurso à Mediação para permitir um maior entendimento, no sentido em que

“A mediação é o uso de um terceiro que auxilia para que se atinja compreensão, facilitando a comunicação e negociando um acordo em situações de conflito. Ela tem ampla aplicação em muitos contextos, incluindo relações comerciais, comunitárias, ambientais, educacionais, familiares, no local de trabalho, entre empregado/empregador e internacionais” (Littlejohn & Domenici, 1999: 209).

É importante fazer, assim, uso da Mediação Familiar, não numa lógica de resolução de conflitos, mas sim de facilitação da comunicação entre utentes e familiares, com vista a efetivar os interesses de todos (instituição, idosos/as, família), de forma que

“Os objetivos da mediação familiar são: reduzir os conflitos, na medida em que visa minorar os efeitos negativos do conflito, facilitar a comunicação, identificar e clarificar os pontos específicos em questão, uma melhor utilização do sistema legal pela sua celeridade de atuação e alcançar um acordo escrito das questões discutidas” (Poças, 2013: 835).

Assim, as instituições devem promover esta comunicação quando se perceber que não é estabelecida e se compreender que iria contribuir para um maior bem-estar dos/as idosos/as e por isso

“(…) seria conveniente que os técnicos tivessem uma formação forte, centrada nas características associadas ao envelhecimento e sobre estratégias de comunicação. Em relação à gestão da comunicação, a instituição deve definir canais de ligação directos com a família, negociá-los e implementá-los.” (Sousa et al., 2004: 138).

Mais do que uma intervenção, detive um papel dentro da instituição que me permitiu observar profissões e perceber o meu lugar enquanto especialista em Ciências da Educação numa instituição daquela tipologia e por isso o nosso trabalho numa instituição como uma Estrutura Residencial para Pessoas Idosas, além de passar pela Mediação como já abordado, pode também situar-se no campo da Animação Sociocultural com vista à melhoria da qualidade de vida dos/as idosos/as e o/a animador/a pode assumir-se como

“(…) um *intermediário e agente de comunicação* nos grupos humanos e entre os grupos humanos, a sua acção, suscitando e orientando iniciativas, promovendo a optimização de recursos (nomeadamente endógenos), favorecendo a participação

individual, organizando a vida dos grupos, favorecendo a autonomia dos indivíduos e dos colectivos, criando condições favoráveis à comunicação entre pessoas, grupos e instituições (...)" (Canário, 1999: 78-79).

O/a animador/a de idosos/as tem a tarefa de "(...) fazer que os idosos sejam, cada vez mais, competentes e responsáveis na condução do seu próprio processo de envelhecimento, sendo necessário para o efeito programas gerontológicos fortalecedores da sua resistência a tudo o que reduz a sua autonomia pessoal." (Martins, 2013: 263), num exercício de contrariar a dependência, motivando-os/as e contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal.

Este trabalho constitui, também, uma oportunidade para reforçar a necessidade de combater algumas concepções negativas que são associadas aos/às mais idosos/as e às instituições sociais e educativas cuja missão os/as envolve diretamente:

"Há, pois, uma certa representação negativa destes equipamentos, onde as regras e horários são rotinizados e pouco flexíveis, provocando certa despersonalização do idoso, condicionando a sua autonomia, autoconceito, autoestima, privacidade, sentimento de pertença e de bem-estar, devido em parte à sua pouca participação nos cuidados que lhe são prestados" (*ibidem*: 206).

Além disto, em contextos relacionados com o envelhecimento, o trabalho em equipa e as várias visões multidisciplinares sobre os contextos e as pessoas podem fazer do/a profissional em Ciências da Educação um/a profissional imprescindível e diferenciador, no sentido que

"A formação multidisciplinar apresenta-se como um ponto forte do curso pelo que se apela ao aprofundamento das relações entre a academia e o potencial mercado laboral, sensibilizando-o e despertando-o para o potencial destes profissionais no empoderamento das instituições educativas e sociais." (Silva & Fraga, 2019: 115).

A inclusão tem de imperar no nosso trabalho e durante o meu estágio também tive momentos em que pensei sobre esta questão e considero que contribuí nesse sentido, junto dos/as idosos/as, quando tinha essa possibilidade:

“A atividade que realizamos foi o Bingo e eu estive a jogar com o Senhor J. porque o senhor não reconhece os números, sendo que depois eu estive a apontar com o dedo à medida que saíam os números que tínhamos no cartão e o Senhor J. ia colocando um feijão no lugar dos números. Fiz a atividade em conjunto com o senhor porque era o único que não estava a jogar e não quis que se sentisse excluído.” (NT51).

Este processo foi bastante significativo e de confirmação da importância de profissionais da área da Educação que analisam o contexto, tornam-se dele parte integrante e constroem junto do mesmo soluções para necessidades que são levantadas. Têm, assim, a capacidade de trabalhar a Educação na sua tripla vertente, pois “A educação é um triplo processo de humanização, socialização e entrada numa cultura, singularização-subjetivação. Educa-se um ser humano, o membro de uma sociedade e de uma cultura, um sujeito singular” (Charlot, 2006: 15).

O trabalho em Ciências da Educação é, por conseguinte, assimétrico e pelo seu olhar individual, o/a profissional atribui uma elevada importância à escuta, uma atenção especial aos interesses individuais de cada um e garantia dos seus direitos, que, apesar da sua complexidade, é um trabalho com as pessoas e não tanto para as pessoas.

Conclusão

Em jeito de conclusão, reflito agora sobre o meu percurso académico e o desenvolvimento do meu eu profissional que, em parte, se deveu à concretização deste estágio.

Através da Licenciatura em Ciências da Educação, pude adquirir conhecimentos sobre a área da Educação que foram essenciais para a minha visão dos acontecimentos, com um olhar mais crítico e reflexivo que, em muito, me surpreenderam e me enriqueceram. Mas, terminada a Licenciatura, ao fim de 3 anos, percebi que a componente prática ficara aquém das minhas expectativas, principalmente porque atravessávamos uma Pandemia que não possibilitou a concretização de uma experiência com o exterior nas circunstâncias que estavam inicialmente pensadas.

Fazia, assim, todo o sentido dar seguimento aos meus estudos e continuar com a realização de um Mestrado que mais sentido ainda fazia se fosse na área que tanto me preenchia. Para responder a esta necessidade de experienciar o mundo do trabalho na sua essência, o estágio e a sua carga horária eram o caminho mais certo, apesar de intimidante porque temos de sair da Academia e fazer parte de uma instituição que, de algum modo, representa o mundo laboral e por isso,

“Não parece surpreendente que, quer pelo facto de a maioria dos estagiários da LCE serem hoje jovens que acedem directamente do ensino secundário, sem experiências de trabalho relevantes no campo da sua formação, quer porque a maioria dos estágios tende a ser hoje realizada individualmente (...), surjam com mais frequência interrogações em torno da capacidade de dar este salto, do mundo da formação para o mundo do trabalho, isto é, do mundo da produção da qualificação para o mundo da «exercitação» das competências” (Vaz, 2009: 59).

É, neste sentido, que reconheço a importância deste estágio para a conclusão do Mestrado que me deu conhecimentos muito proveitosos sobre esta tipologia de instituição, o seu funcionamento e o tipo de trabalho que é realizado junto dos/as idosos/as, principalmente no que diz respeito à Animação Sociocultural que, dentro do seu potencial, pode fazer, inúmeras vezes, a diferença no quotidiano desta população.

Termino este relatório com uma das primeiras aprendizagens que adquiri no primeiro ano da minha Licenciatura sobre os quatro pilares da educação de Delors (1996) e acredito que o processo de estágio tenha servido para trabalhar cada um deles.

Aprendi a conhecer o trabalho, o contexto em que me inseri e construí conhecimento junto daquela comunidade que partilhou também conhecimento comigo. Aprendi a fazer ao colocar conhecimento em prática e a observar formas diferenciadas de se fazer e trabalhar, tanto em equipa como individualmente. Aprendi a viver com os outros, através da oportunidade que tive de partilhar um espaço que era a “casa” daquela população e adaptei-me a hábitos, vivências e formas de estar e ser que contribuíram para o respeito e compreensão sobre a convivência saudável com o outro que partilha um espaço e uma vida connosco com as suas diferenças e semelhanças. Assim foi possível aprender a ser enquanto pessoa e profissional, com pensamento crítico, mas com sentido de justiça e responsabilidade, perante uma sociedade com a qual vou trabalhar e conviver.

Com isto, pretendo que o futuro que se avizinha e que já está a começar, seja baseado nestes quatro pilares que servirão de sustentação ao meu trabalho nesta área da Educação, principalmente na atuação junto da população mais idosa que merece a nossa atenção e cuidado na sua valorização de potencialidades.

Importa, assim, que o trabalho em Educação não seja apenas sustentado em crenças e em opiniões públicas porque há sempre alguma coisa a dizer quando a Educação é abordada e por isso “Quando se trata de educação, nenhum político tem dúvidas, nenhum comentador se engana, nenhum português hesita. Palavras gastas. Inúteis. Banalidades. Mentiras. O que é evidente, mente. Evidentemente.” (Nóvoa, 2005: 13), daí a importância de combater essas representações.

Muito falei ao longo deste relatório sobre o caminho percorrido pelo estágio que, mesmo que tenha tentado escrever sobre toda a experiência vivida, muitas vezes não foi descrita com a mesma intensidade com que foi sentida pela dificuldade em transpor para o papel sentimentos e emoções com o rigor académico que lhe é devido.

Termino, assim, com a certeza de que estou na direção correta e que esta experiência foi essencial para validar essa certeza, pela qual estou eternamente agradecida e realizada.

Referências bibliográficas

Amado, João (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra.

António, Stella (2010). *Avós e netos: Relações intergeracionais. A matrilinearidade dos afectos*. Lisboa, Portugal: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Bardin, Laurence (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.

Batista, Catarina (2021). *Processos de institucionalização da pessoa idosa: adaptabilidade à nova realidade* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Lusíada, Lisboa.

Brandes, Donna & Phillips, Howard (1977). *Manual de jogos educativos: 140 jogos para professores e animadores de grupos*. Lisboa, Portugal: Moraes Editores.

Canário, Rui (1999). Educação de Adultos: um campo e uma problemática. Lisboa, Portugal: Educa.

Capucha, Luís (2008). *Planeamento e avaliação de projectos: guião prático*. Lisboa, Portugal: Direção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Castro, Gisela (2016). O idadismo como viés cultural: refletindo sobre a produção de sentidos para a velhice em nossos dias. *Galáxia*, 31, 79-91.

Charenkova, Jurate & Gevorgianiene, Violeta (2018). Grandparenting from a distance: Experiences of nursing home residents. *Educational Gerontology*, 44(8), 492-500.

Charlot, Bernard (2006). A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*, 11(31), 7- 18.

Delors, Jacques (1996). *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo, Brasil: Cortez.

Foddy, William (1996). *Como perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionário*. Oeiras, Portugal: Celta Editora.

Freitas, Patrícia (2011). *Solidão em Idosos: Percepção em função da Rede Social* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Católica Portuguesa, Braga.

Gómez, José & Orlando, Freitas, et al. (2007). O desenvolvimento comunitário: perspectivas conceptuais. In Gómez, José & Orlando, Freitas et.al, *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local. Perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade* (pp. 119-142). Porto, Profedições.

Halcomb, Elizabeth; Gholizadeh, Leila; DiGiacomo, Michelle, et al. (2007). Literature review: considerations in undertaking focus group research with culturally and linguistically diverse groups. *Journal of Clinical Nursing*, 16(6) 1000-1011.

Instituto da Segurança Social (2017). Guia Prático – Apoios Sociais – Pessoas Idosas. Lisboa: Instituto da Segurança Social.

Instituto Nacional de Estatística (2022). *Anuário estatístico de Portugal 2021*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

Littlejohn, Stephen, & Domenici, Kathy (1999). Objectivos e métodos de comunicação na mediação. In Dora Fried Schnitman & Stephen Littlejohn, *Novos paradigmas em mediação* (pp. 209-223). Porto Alegre: Artmed.

Magalhães, João (2010). *Horizontes da ética. Para uma cidadania responsável*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.

Martins, Alexandra (2022). *Perspetivas sobre o processo de institucionalização entre grandes idosos* (Projeto de Mestrado não publicado). Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre.

Martins, Ernesto (2013). *Gerontologia/Gerontagogia - Animação Sociocultural em idosos*. Lisboa, Portugal: Editorial Cáritas.

Minicucci, Agostinho (1987). *Dinâmica de grupo: teorias e sistemas*. São Paulo, Brasil: Editora Atlas.

Nobre, Daniel (2016). *Ferramentas estratégicas em uso: Uma investigação prática às empresas em Portugal* (Dissertação de Mestrado não publicada). ISCTE Business School, Lisboa.

Nóvoa, António (2005). *Evidentemente. Histórias da Educação*. Porto: Edições ASA;

Patrício, Nuno (2018). *A influência das relações familiares no processo de institucionalização das pessoas idosas na Santa Casa da Misericórdia de Machico* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia Lisboa.

Poças, Isabel (2013). A participação das crianças na mediação familiar. *Revista da Ordem dos Advogados*, 2/3, 813-862.

Rebello, Marta (2013). *Contexto e processo da Institucionalização de idosos: perspetivas de pais e filhos e influência percebida na qualidade da sua relação* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Porto, Portugal.

Sá, Paula de (2018). *Envelhecimento e qualidade de vida– discursos políticos e narrativas de grupos de idosos sobre os seus quotidianos* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Porto, Porto.

Santa Casa da Misericórdia (2020). *Políticas Públicas na Longevidade*. Lisboa, Portugal: Edições Santa Casa.

Schneider, Rodolfo & Irigaray, Tatiana (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 585-593.

Silva, Mariana (2011). *Relações entre pais e filhos na Velhice: o caso dos idosos institucionalizados no Lar de S. Vicente de Paulo* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Católica Portuguesa, Braga.

Silva, Sofia & Fraga, Nuno (2019). *As Ciências da Educação na Região Autónoma da Madeira: testemunhos sobre os Processos de Formação e os Percursos Profissionais*. Comunicação apresentada em Ciências da Educação em Portugal: Saberes, Contextos de Intervenção e Profissionalidades, Porto.

Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação (2020). *Carta Ética das Ciências da Educação*. Porto, Portugal: Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação.

Sousa, Liliana et al. (2004). *Envelhecer em família. Os cuidados familiares na velhice*. Porto, Portugal: Âmbar.

Vaz, Henrique (2009). A Mediação em contexto de formação como reinvenção de novos ofícios: o caso dos estágios e da licenciatura em Ciências da Educação na Universidade do Porto. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, 29, 53-72.

Veloso, Esmeraldina (2009). Terceira Idade: uma construção social. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 17(1,2), 9-21.

Referência webgráfica

Segurança Social (2023). Apoios Sociais e Programas. Instituições Particulares de Solidariedade Social – Retirado de <https://www.seg-social.pt/instituicoes-particulares-de-solidariedade-social-registo>

SNS (2020). Estruturas Residenciais para idosos. Retirado de <https://www.sns.gov.pt/noticias/2020/08/12/estruturas-residenciais-para-idosos/>

Documentos Consultados

Dossier de Atividades [Documento anonimizado por razões de confidencialidade]

Plano de Atividades [Documento anonimizado por razões de confidencialidade]

Política da Qualidade [Documento anonimizado por razões de confidencialidade]

Regulamento Interno da Instituição [Documento anonimizado por razões de confidencialidade]

Apêndices

Apêndice 1 – Consentimento informado da instituição



Consentimento informado

Eu, _____ (nome) declaro, na qualidade de Diretora Técnica da Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI) que autorizo a realização de um estudo, desenvolvido pela estudante Márcia Dantas, sob orientação da Prof.^a Doutora Sofia Castanheira Pais, com o objetivo de compreender as relações familiares entre avós e netos/as após a institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI) do ponto de vista dos seus impactos e necessidades. Através deste estudo será possível ter um maior entendimento sobre a influência da família no processo de envelhecimento e de institucionalização, com vista a uma melhor integração e bem-estar da população idosa.

A informação recolhida será usada para elaborar um relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Educação, Comunidades e Mudança Social: Envelhecimento e Intervenção Socioeducativa da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Para a concretização deste estudo, é necessária a realização de entrevistas e grupos de discussão focalizada com os/as idosos/as e/ou respetivos familiares e os/as profissionais da instituição que cumpram os requisitos de participação.

Declaro, assim, que compreendo e aceito a participação dos/as intervenientes, respeitando sempre a sua vontade individual, comprometendo-me a proporcionar as condições necessárias para a execução do referido estudo, facilitando o acesso de todos/as e disponibilizando as instalações para a recolha de dados.

Para qualquer questão adicional, poderá, em qualquer altura, contactar a responsável e a orientadora do estudo, através dos seguintes meios:

up201807193@up.pt

sofiapais@fpce.up.pt

_____, _____ de _____ de 202_

A Diretora,

Assinatura: _____

Apêndice 2 – Consentimento informado das entrevistas aos/às utentes



Consentimento informado

Eu, _____ (nome) declaro que estou de acordo em colaborar num estudo conduzido por Márcia Dantas, estudante da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto sob orientação da Prof.^a Doutora Sofia Castanheira Pais.

O objetivo do estudo passa por compreender as relações familiares entre avós e netos/as após a institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI) do ponto de vista dos seus impactos e necessidades. Através deste estudo será possível ter um maior entendimento sobre a influência da família no processo de envelhecimento e de institucionalização, com vista a uma melhor integração e bem-estar da população idosa.

A informação recolhida será usada para elaborar um relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Educação, Comunidades e Mudança Social: Envelhecimento e Intervenção Socioeducativa.

A minha participação implicará a resposta a algumas questões durante uma entrevista realizada individualmente nas instalações da instituição e que será áudio gravada. A gravação será utilizada para fins de análise das informações recolhidas, sem referência ou identificação a qualquer pessoa ou contexto específico.

Tenho consciência que o tratamento dos dados obtidos garante o anonimato dos/as participantes, nunca sendo feito qualquer tipo de uso que possa revelar a identidade dos/as participantes e sou inteiramente livre de participar ou não neste estudo, podendo-me retirar a qualquer momento sem consequências de qualquer tipo. Sou igualmente livre de recusar responder a qualquer pergunta.

Mais declaro que tenho conhecimento que _____ (nome do/a familiar), meu/minha _____ (título ou grau de parentesco) irá também participar neste estudo, se assim o pretender.

O estudo não envolve qualquer risco potencial, quer sejam sociais, legais ou financeiros.

Para qualquer questão adicional, poderá, em qualquer altura, contactar a responsável e a orientadora do estudo, através dos seguintes meios:

up201807193@up.pt/ sofiapais@fpce.up.pt

_____, _____ de _____ de 202__

Assinatura do/a participante: _____

Apêndice 3 – Consentimento informado do grupo de discussão focalizada aos/às utentes



Consentimento informado

Eu, _____ (nome) declaro que estou de acordo em colaborar num estudo conduzido por Márcia Dantas, estudante da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto sob orientação da Prof.^a Doutora Sofia Castanheira Pais.

O objetivo do estudo passa por compreender as relações familiares entre avós e netos/as após a institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI) do ponto de vista dos seus impactos e necessidades. Através deste estudo será possível ter um maior entendimento sobre a influência da família no processo de envelhecimento e de institucionalização, com vista a uma melhor integração e bem-estar da população idosa.

A informação recolhida será usada para elaborar um relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Educação, Comunidades e Mudança Social: Envelhecimento e Intervenção Socioeducativa.

A minha participação neste grupo focal implicará a discussão em grupo sobre o tema aflorado no estudo acima referido.

A discussão focalizada será conduzida pela estudante e será gravada em áudio. A gravação será utilizada para fins de análise das informações recolhidas, sem referência ou identificação a qualquer pessoa ou contexto específico.

Tenho consciência que o tratamento dos dados obtidos garante o anonimato dos/as participantes, nunca sendo feito qualquer tipo de uso que possa revelar a identidade dos/as participantes e sou inteiramente livre de participar ou não neste estudo, podendo-me retirar a qualquer momento sem consequências de qualquer tipo.

O estudo não envolve qualquer risco potencial, quer sejam sociais, legais ou financeiros.

Para qualquer questão adicional, poderá, em qualquer altura, contactar a responsável e a orientadora do estudo, através dos seguintes meios:

up201807193@up.pt/ sofiapais@fpce.up.pt

_____, _____ de _____ de 202_

Assinatura do/a participante: _____

Apêndice 4 – Consentimento informado das entrevistas aos/às familiares



Consentimento informado

Eu, _____ (nome) declaro que estou de acordo em colaborar num estudo conduzido por Márcia Dantas, estudante da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto sob orientação da Prof.^a Doutora Sofia Castanheira Pais.

O objetivo do estudo passa por compreender as relações familiares entre avós e netos/as após a institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI) do ponto de vista dos seus impactos e necessidades. Através deste estudo será possível ter um maior entendimento sobre a influência da família no processo de envelhecimento e de institucionalização, com vista a uma melhor integração e bem-estar da população idosa. A informação recolhida será usada para elaborar um relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Educação, Comunidades e Mudança Social: Envelhecimento e Intervenção Socioeducativa.

A minha participação implicará a resposta a algumas questões durante uma entrevista realizada individualmente nas instalações da instituição e que será áudio gravada. A gravação será utilizada para fins de análise das informações recolhidas, sem referência ou identificação a qualquer pessoa ou contexto específico.

Tenho consciência que o tratamento dos dados obtidos garante o anonimato dos/as participantes, nunca sendo feito qualquer tipo de uso que possa revelar a identidade dos/as participantes e sou inteiramente livre de participar ou não neste estudo, podendo-me retirar a qualquer momento sem consequências de qualquer tipo. Sou igualmente livre de recusar responder a qualquer pergunta.

Mais declaro que tenho conhecimento que _____ (nome do/a familiar), meu/minha _____ (título ou grau de parentesco) irá também participar neste estudo, se assim o pretender.

O estudo não envolve qualquer risco potencial, quer sejam sociais, legais ou financeiros.

Para qualquer questão adicional, poderá, em qualquer altura, contactar a responsável e a orientadora do estudo, através dos seguintes meios:

up201807193@up.pt / sofiapais@fpce.up.pt

_____, ____ de _____ de 202_

Assinatura do/a participante: _____

Apêndice 5 – Consentimento informado do grupo de discussão focalizada aos/às profissionais



Consentimento informado

Eu, _____ (nome) declaro, na qualidade de
_____ (função na instituição) que estou de acordo em
colaborar num estudo desenvolvido por Márcia Dantas, estudante da Faculdade de Psicologia e
Ciências da Educação da Universidade do Porto sob orientação da Prof.^a Doutora Sofia
Castanheira Pais.

O objetivo do estudo passa por compreender as relações familiares entre avós e netos/as após a
institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI) do ponto de vista dos
seus impactos e necessidades. Através deste estudo será possível ter um maior entendimento sobre
a influência da família no processo de envelhecimento e de institucionalização, com vista a uma
melhor integração e bem-estar da população idosa.

A informação recolhida será usada para elaborar um relatório de estágio no âmbito do Mestrado
em Educação, Comunidades e Mudança Social: Envelhecimento e Intervenção Socioeducativa.

A minha participação neste grupo focal implicará a discussão em grupo sobre o tema aflorado no
estudo acima referido.

A discussão focalizada será conduzida pela estudante e será gravada em áudio. A gravação será
utilizada para fins de análise das informações recolhidas, sem referência ou identificação a
qualquer pessoa ou contexto específico.

Tenho consciência que o tratamento dos dados obtidos garante o anonimato dos/as participantes,
nunca sendo feito qualquer tipo de uso que possa revelar a identidade dos/as participantes e sou
inteiramente livre de participar ou não neste estudo, podendo-me retirar a qualquer momento sem
consequências de qualquer tipo.

O estudo não envolve qualquer risco potencial, quer sejam sociais, legais ou financeiros.

Para qualquer questão adicional, poderá, em qualquer altura, contactar a responsável e a orientadora do estudo, através dos seguintes meios:

up201807193@up.pt/ sofiapais@fpce.up.pt

_____, _____ de _____ de 202__

Assinatura do/a profissional: _____

Apêndice 6 – Guião da entrevista aos/às idosos/as



Guião de entrevista - utentes

A. Institucionalização – representação(ões)

1. Se lhe perguntar quais são as duas palavras que lhe vêm à memória quando pensa na sua família, quais seriam?
2. Com quem vivia antes de entrar no Lar? (sozinho(a), filhos(as), netos(as), etc)
3. Qual é a sua opinião e sentimentos sobre viver no Lar?
4. Alguns/umas idosos/as falam com frequência que os fins de semana no Lar são muito diferentes dos outros dias da semana. O que pensa sobre isto?
5. Considera importante a presença de técnicos e a realização de atividades ao fim de semana?

Objetivo: Saber com quem vivia o/a idoso/a antes de ser institucionalizado/a para perceber se vivia com os/as netos/as; Perceber se é feliz a viver no Lar pois esse sentimento pode ter interferência na relação com outras pessoas; Entender qual a opinião dos/as idosos/as sobre as dinâmicas do Lar ao fim de semana para, posteriormente, pensar numa intervenção nesta altura.

B. Relacionamento com familiares

1. Quem são neste momento os/as seus/suas familiares mais próximos?
2. Com que frequência recebe visitas dos/as seus/suas familiares no Lar?

3. Costuma sair para passar algum tempo com a sua família? Com que frequência?
4. Sentiu mudanças no relacionamento com a sua família após entrar no Lar? Se sim, que mudanças foram?
5. A relação com os/as seus/suas filhos/as alterou desde o nascimento dos/as seus/suas netos/as?
6. Como era a relação com os/as seus/suas netos/as antes de entrar no Lar?
7. Como é a sua relação atual com os/as seus/suas netos/as?
8. Sentiu mudanças no relacionamento com os/as seus/suas netos/as depois de entrar no Lar? Se sim, que mudanças foram?
9. Essa relação com os/as seus/suas netos/as deixa-o/a feliz? (Em caso de resposta negativa, que tipo de relação gostaria de ter?)

Objetivo: Compreender a frequência de visitas e de saídas com os/as familiares; Entender o relacionamento com a família no geral porque, por vezes, esse relacionamento tem interferência no relacionamento com os/as netos/as; Perceber as diferenças nas relações familiares com os/as netos/as antes e depois da institucionalização.

C. Contributos da ERPI para a melhoria das relações familiares dos/as utentes

1. O que considera que é feito pelo Lar para estimular as relações familiares entre os/as utentes que aqui vivem e os/as seus/suas familiares?
2. O que considera que pode ser feito pelo Lar para uma melhoria das relações entre utentes e familiares?
3. Considera importante a participação da família nas atividades e nas dinâmicas do Lar?
4. Qual é a altura que acha mais conveniente para a participação dos/as familiares nas atividades e dinâmicas do Lar? (preferencialmente dia da semana)
5. O que considera que poderia tornar a sua vida melhor no Lar?
6. Gostaria de fazer algum comentário relativamente a algum aspeto que não tenha sido falado ao longo da nossa entrevista?

Objetivo: Saber o que acham os/as utentes em relação ao papel da ERPI no fomento das relações familiares; Perceber se acham importante a dinamização de atividades (principalmente ao fim de semana) que incluam a participação da família; Perceber o que tornaria a vida melhor no Lar de forma a devolver à instituição estas necessidades.

Apêndice 7 – Guião da entrevista aos/às familiares



Guião de entrevista – familiares (netos/as)

A. Institucionalização – representação(ões)

1. Se lhe perguntar quais são as duas palavras que lhe vêm à memória quando pensa no/a seu/sua avô/ó, quais seriam?
2. Fale-me um pouco sobre a entrada do seu/sua avô/avó no Lar. Considera que foi uma decisão positiva? Acha que ele/a é feliz? Etc.

B. Relacionamento com avô/ó

1. Com que frequência visita o/a seu/sua avô/a no Lar?
2. Com que frequência costuma sair com o/a seu/sua avô/a? (se aplicável)
3. Como era o relacionamento com o/a seu/sua avô/a antes de ele/a entrar no Lar?
4. Como é o relacionamento atual com o/a seu/sua avô/a?
5. Sentiu mudanças no relacionamento com o/a seu/suas avô/a depois de ele/a entrar no Lar? Se sim, que mudanças foram?

C. Contributos da ERPI para a melhoria das relações familiares

7. O que considera que é feito pelo Lar para estimular as relações familiares?
8. O que considera que pode ser feito pelo Lar para uma melhoria das relações entre familiares e utentes?

9. Considera importante a participação da família nas atividades e nas dinâmicas do Lar?
10. Qual é a altura que acha mais conveniente para a participação dos/as familiares nas atividades e dinâmicas do Lar? (preferencialmente dia da semana)
11. Mudaria algum aspeto na relação com o/a seu/sua avô/ó?
12. Gostaria de fazer algum comentário relativamente a algum aspeto que não tenha sido falado ao longo da nossa entrevista?

Apêndice 8 – Guião do grupo de discussão focalizada com os/as utentes



Guião Grupo de Discussão Focalizada – utentes

Bom dia/boa tarde! Pedi que fizessem parte deste grupo de discussão focalizada porque o meu estágio nesta instituição tem como propósito compreender as relações familiares estabelecidas entre avós e netos/as após a institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI) do ponto de vista dos seus impactos e necessidades. A discussão vai ser conduzida por mim através da exposição das questões que vão orientar o nosso debate.

Agradeço assim a presença de todos/as aqui reunidos/as e estejam à vontade para participar, sendo que não existe nenhuma ordem de participação e estão livres de exporem opiniões, não existindo respostas certas ou erradas porque todas as opiniões são bem-vindas.

Questões:

1. Gostava que me falassem um pouco sobre a realização de atividades no Lar.
O que pensam sobre isso, se são do vosso agrado, etc.
2. O que mudavam nas atividades que são dinamizadas? (Fazer esta questão se não for referida no ponto anterior)
3. Relativamente às visitas das famílias nos Lares, qual é a vossa opinião em relação a esse assunto?
4. Em relação à participação das famílias nas atividades realizadas pelos Lares, o que têm a dizer sobre isso?
5. De que forma é que consideram que as famílias dos/as utentes deste Lar participam nas dinâmicas do mesmo? Se o considerarem.

6. Consideram que as famílias dos/as utentes poderiam participar mais nas dinâmicas do Lar? Se sim, de que forma?
7. Consideram que a entrada no Lar altera as relações com a família? Se sim, de que forma? (Tentar perceber se abordam as relações com os/as netos/as)
8. Mudando de assunto, quero que me falem dos fins de semana aqui na instituição. Rotinas, diferenças em relação aos dias úteis da semana e como gostariam que fossem.
9. Qual é a vossa opinião sobre a realização de atividades ao fim de semana com familiares?
10. Por fim, como é que o Lar poderia fortalecer os laços familiares entre os/as seus/as utentes e as famílias?
11. Que mudanças gostariam de ver implementadas no Lar?

Apêndice 9 – Guião do grupo de discussão focalizada com os/as profissionais



Guião Grupo de Discussão Focalizada – profissionais

Bom dia/boa tarde! Pedi que fizessem parte deste grupo de discussão focalizada porque o meu estágio nesta instituição tem como propósito compreender as relações familiares estabelecidas entre avós e netos/as após a institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI) do ponto de vista dos seus impactos e necessidades. A discussão vai ser conduzida por mim através da exposição das questões que vão orientar o nosso debate.

Agradeço assim a presença de todos/as aqui reunidos/as e estejam à vontade para participar, sendo que não existe nenhuma ordem de participação e estão livres de exporem opiniões, não existindo respostas certas ou erradas porque todas as opiniões são bem-vindas.

Questões:

1. Gostava que me falassem um pouco sobre as visitas das famílias aqui no Lar. Se consideram que são frequentes, quem são os familiares que normalmente estão mais presentes, quantas vezes por semana, etc.
2. Relativamente às saídas, gostava que tecessem também um comentário sobre a frequência das mesmas, quem são os familiares que vêm buscar os/as utentes, em que dias da semana ocorrem, etc.
3. Consideram que existem diferenças no relacionamento com netos/as e com bisnetos/as? Se sim, quais são essas diferenças?
4. Em relação às relações familiares e da vossa experiência enquanto profissionais desta instituição, consideram que existem grandes alterações no relacionamento

entre a família e os/as utentes quando estes/as ingressam no Lar? Se sim, de que forma?

5. Igualmente baseado na vossa experiência, como é a relação entre os/as idosos/as e os/as netos/as depois de ingressarem no Lar?
6. Consideram que a institucionalização pode afetar as relações entre avós e netos/as?
7. Do que é que os/as utentes sentem mais falta em relação às suas famílias?
8. Relativamente aos fins de semana, qual é a vossa perceção sobre o comportamento e dinâmicas dos/as idosos/as na ausência dos técnicos da instituição?
9. De forma a fortalecer os laços familiares entre idosos/as e as suas famílias, quais seriam as vossas propostas de mudança enquanto instituição?
10. Qual é a vossa opinião sobre a realização de atividades com as famílias aos fins de semana para uma maior participação dos familiares nas dinâmicas da instituição?

Apêndice 10 – Tabela de dados para a caracterização dos/as utentes da instituição

Nomes dos/as utentes	Idade	Género	Naturalidade	Saúde mental	Dependência	Escolaridade	Profissão	Ano de entrada na instituição	Tempo de frequência na instituição	Agregado familiar	Acompanhamento familiar (Ausente, Pouco presente, Presente)
A.S.A.	93	F	Valongo	Ok	Dependente	Ensino Básico	Doméstica	01/12/2016	6 anos e 1 mês	2 filhas 2 netas 1 bisneta	Presente
A.C.C.	82	M	Porto	Demência	Dependente	4ª classe	Motorista	01/07/2017	5 anos e 6 meses	2 filhos	Ausente
M. S. N. N.	88	M	Rio Tinto	Ok	Dependente	4º ano	Empregado de balcão; Dono de loja no Porto	12/01/2018	5 anos	2 filhos 1 neto	Pouco presente
M. L. A.	97	F	Celorico de Basto	Depressão	Dependente	4ª classe	Cozinheira Doméstica	03/07/2018	4 anos e 6 meses	Não tem	Pouco presente
L. S. S.	75	F	Pedras Salgadas (Chaves)	Ok	Dependente	Sem escolaridade (aprendeu em casa)	Não teve	17/09/2018	4 anos e 4 meses	Não tem	Presente (chamada telefónica)
C. P. S.	90	F	Paranhos	Demência	Dependente	Ensino Básico	Funcionária pública	01/01/2017	6 anos	1 filho 1 neto	Pouco presente
F. C. L.	92	F	Nogueira (Maia)	Ok	Dependente	4º ano	Costureira	01/01/2017	6 anos	3 filhos	Presente
J. T.	84	M	Telões (Amarante)	Ok	Dependente	Sem escolaridade	Agricultura	01/02/2017	5 anos e 11 meses	9 filhos	Presente

							Vendedor de Pão Operário				
A. A. M.	92	M	Santo Tirso	Ok	Autónomo	3ª ano	Cozinheiro	01/03/2017	5 anos e 10 meses	2 filhos 1 neta	Presente
M. N. G. C.	86	F	Vila Nova de Gaia	Ok	Dependente	4ª classe	Costureira	01/03/2017	5 anos e 10 meses	2 filhos 4 netos 1 bisneta	Presente
M. L. M. C.	94	F	Tondela	Ok	Dependente	3º ano	Dona de Casa (Governanta)	10/01/2019	4 anos	Não tem	Presente (não é família)
M. A. M. S.	96	F	Marco de Canaveses	Depressão	Dependente	Sem escolaridade	Doméstica	08/04/2019	3 anos e 9 meses	4 filhos	Presente
M. A. S. A.	78	F	Pedrouços	Depressão	Dependente	4º ano	Tecedeira	24/04/2019	3 anos e 9 meses	2 filhas 1 neta	Presente
M. A. F. G.	74	F	Valongo	Demência	Dependente	4º ano	Padeira Controladora (Fábrica têxtil)	14/03/2019	3 anos e 10 meses	Não tem	Pouco presente
M. A. F. L. S.	87	F	Porto (Ermesinde)	Ok	Autónoma	Sem escolaridade	Doméstica	02/12/2019	3 anos e 1 mês	Não tem	Presente
J. F. S. F. S.	88	M	Cedofeita	Demência	Dependente	Ensino Básico	Empresário	02/12/2019	3 anos e 1 mês	Não tem	Presente
M. P. A. P.	90	F	Celorico de Basto	Demência	Dependente	4º ano	Doméstica	23/01/2020	3 anos	2 filhas 3 netas	Presente
M. C. S. F.	95	F	Bonfim (Porto)	Ok	Dependente	1º ano escola comercial (Ensino Básico)	Costureira Vendedora de Ouro	06/03/2020	2 anos e 10 meses	1 filho 2 netas 2 bisnetas	Presente

M. M. C. A.	93	F	Ermesinde	Ok	Dependente	4ª classe	Doméstica	02/06/2020	2 anos e 7 meses	2 filhos	Pouco presente
M. F. O. V.	75	F	Oliveira de Azeméis	Demência Depressão	Dependente	4ª classe	Vendedora Cabeleireira	22/06/2020	2 anos e 7 meses	2 filhos	Pouco presente
M. A. F. M.	83	F	Ermesinde	Demência	Dependente	4º ano	Costureira	04/10/2020	2 anos e 3 meses	2 filhos	Presente
M. M. S.	94	F	Gondomar	Ok	Dependente	Sem escolaridade	Agricultura	17/12/2020	2 anos e 1 mês	7 filhos 1 neta 2 bisnetas	Pouco presente
A. M. A. A.	69	F	Porto	Ok	Dependente	6º ano	Sem trabalho	26/01/2021	2 anos	2 filhas 4 netos	Presente
M. G. C.	83	F	Marco de Canaveses	Demência	Dependente	4º ano	Doméstica	19/01/2021	2 anos	2 filhas 1 filho	Presente
A. C. A.	87	F	Torre de Moncorvo	Demência	Dependente	4ª classe	Costureira	25/02/2021	1 ano e 11 meses	3 filhos 3 netos 4 bisnetos	Presente
M. C. L.	86	F	Campanhã	Doença articular	Dependente	Ensino Básico	Operária Doméstica	05/04/2021	1 ano e 9 meses	2 filhos 3 netos 1 bisneto	Presente
M. E. F. M.	96	F	Milheirós	Demência	Dependente	Sem escolaridade	Trabalhou numa pedreira Doméstica	29/04/2021	1 ano e 9 meses	1 filho	Presente
A. C. R.	91	M	Tábua (Coimbra)	Ok	Dependente	4ª classe	Pastelaria Correios Tropa Construção Civil	16/06/2021	1 ano e 7 meses	3 filhos 5 netos 2 bisnetos	Presente

							Emissora Nacional				
A. S. F.	86	M	Maia	Demência	Dependente	4ª classe	Metalúrgico	01/08/2016	6 anos e 5 meses	2 filhos	Ausente
P. F. N. M. A.	76	F	Alfena	Demência	Dependente	Licenciatura	Professora	20/11/2015	7 anos e 2 meses	1 filho	Pouco presente
R. M.	95	F	Cabeceiras de Basto	Ok	Dependente	3ª classe	Agricultura	02/11/2009	13 anos e 2 meses	7 filhos	Presente
A. M. L. B. S.	57	F	Angola	Estado vegetativo	Dependente	11º ano	Secretária	01/11/2013	9 anos e 2 meses	Tem filhos	Presente
J. T. E.	87	M	Ermesinde	Demência	Dependente	Sem escolaridade	Funerária	03/01/2003	20 anos	Não tem	Pouco presente
M. A. S. C.	87	F	Ermesinde	Demência	Dependente	Licenciatura	Professora	14/07/2021	1 ano e 6 meses	1 filha 1 neta	Presente
A. R.	86	M	São Pedro do Sul (Viseu)	Demência	Dependente	Sem escolaridade	Ajudava um tio nas feiras	29/10/2021	1 ano e 3 meses	Não tem	Ausente
C. P. F.	95	F	Porto	Ok	Dependente	Ensino Básico	Doméstica	18/10/2021	1 ano e 3 meses	2 filhos 1 neto 2 bisnetos	Presente
E. O. R.	92	F	Vila Nova de Gaia	Ok	Dependente	Ensino Básico	Tecedeira	03/01/2022	1 ano	2 filhos 2 netos 2 binestos	Pouco presente
M. A. F.	83	F	Rio Tinto	Demência	Dependente	Ensino Básico		15/02/2022	11 meses	1 filha	Pouco presente
A. R. D. S.	77	F	Porto	Demência	Dependente	Ensino Básico	Cabeleireira	30/03/2022	10 meses	1 filha 2 netos	Presente

M. E. C. L. C.	86	F	Matosinhos	Demência	Dependente	3º ano	Costureira Doméstica	21/12/2015	7 anos e 1 mês	Não tem	Ausente
M. P. P. C.	89	F	Marco de Canaveses	Ok	Autónoma	2ª classe	Doméstica	01/01/2016	7 anos	4 filhos 6 netos 2 bisnetos	Presente
A. A. M.	73	M	Braga	Ok	Dependente	Construção Civil	Área têxtil e construção civil	31/10/2018	4 anos e 3 meses	Não tem	Presente
M. F. O.	94	F	Senhora da Hora	Ok	Dependente	4ª classe	Costureira	01/01/2019	4 anos	3 filhos	Presente
I. C. P. R.	93	F	Marco de Canaveses	Ok	Dependente	4º ano	Costureira	05/03/2021	1 ano e 10 meses	3 filhos 4 netos 7 bisnetos	Presente
A. J. A. C.	83	M	Fundão	Demência	Dependente	4º ano	Indústria de panificação (Fiscal de Moagem)	14/01/2021	2 anos	2 filhos	Ausente
M. J. P. M.	93	F	Gondomar	Ok	Dependente	Ensino Básico	Costureira Limpeza	03/02/2022	11 meses	Não tem	Presente
A. P.	95	F	Celorico de Basto	Demência	Dependente	Sem escolaridade	Doméstica	01/02/2022	11 meses	2 filhos	Presente
M. R. S. D.	84	F		Ok	Dependente		Padeira	26/09/2022	4 meses	1 filha 2 netas	Presente
A. G. M.	85	M	Maia	Demência	Dependente	Básico (3º ano)	Estocador	26/09/2022	4 meses	1 filha 2 netas	Presente
M. A. M. F.	96	F	São João da Pesqueira (Viseu)	Ok	Dependente	4ª Classe	Modista Dona de Casa	19/09/2022	4 meses	2 filhas 3 netas	Presente

J. M. M. M.	70	M	Rio Tinto	Demência	Dependente	7º ano	Militar Metalúrgico	21/09/2022	4 meses	Esposa 1 filha 1 neto/a	Presente
M. I. R. M.	62	F	Penafiel	Ok	Dependente	4º ano	Doméstica Costureira	22/11/2022	2 meses	10 irmãos Não tem filhos	Presente
M. L. A. S. P.	77	F	Moçambique	Ok	Dependente	4º ano	Funcionária interna em habitações	09/01/2023	0 meses	Não tem filhos	Presente
S. P. M.	80	M	Ermesinde	Demência	Dependente	4º ano	Várias	02/01/2023	0 meses	2 filhos	Ausente
M. C. F. B.	83	F	Gondomar	Demência	Dependente	4º ano	Doméstica	12/01/2022	0 meses	8 filhos	Presente

Apêndice 11 – Proposta de intervenção apresentada à Direção da instituição

Proposta de Intervenção

De acordo com os objetivos do estudo a ser presentemente realizado no Lar relativamente às relações familiares estabelecidas entre avós e netos/as após a institucionalização em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI), venho propor a realização de uma intervenção com os/as utentes e respetivos familiares que participaram no estudo, de forma a possibilitar a sua conclusão. Através das entrevistas realizadas foi possível depreender a necessidade de uma maior aproximação entre avós e netos/as para o fortalecimento das relações interpessoais que se viram abaladas em contexto de pandemia. Quando questionados/as sobre a disponibilidade para a participação em atividades, todos/as os/as familiares referiram o fim de semana como a altura mais conveniente para a sua concretização por uma questão de não estarem em atividade laboral e por isso terem menos entraves para se dirigirem à instituição.

Esta questão relativa aos fins de semana também é um assunto abordado pelos/as utentes como uma época da semana mais penosa, sentindo a necessidade da presença dos/as técnicos/as na instituição, daí a justificação para a realização da intervenção com as famílias num período da semana que vá de encontro às necessidades explanadas pelos/as idosos/as, bem como pelos/as seus/suas familiares.

Data: Sábado de manhã entre as 10h e as 11:30h.

Duração:

Apresentação	Aproximadamente 05 minutos
1ª Dinâmica – “Autoqualificação”	Aproximadamente 15 minutos
2ª Dinâmica – “Sou um sapato”	Aproximadamente 20 minutos
3ª Dinâmica – “O Brasão da nossa relação”	Aproximadamente 30 minutos
Reflexão em grupo e encerramento	Aproximadamente 20 minutos

Ambiente físico: Sala com capacidade para promover o distanciamento entre pares, idealmente no refeitório.

Objetivo: Fortalecimento das relações familiares entre os/as idosos/as do Lar e seus/suas netos/as.

Dimensão do grupo: O grupo será constituído por cerca de 10 pessoas, atendendo a restrições relativamente à Covid19 e por terem sido os/as participantes diretos/as do estudo.

Os familiares serão contactados via telefónica através de uma chamada e de uma mensagem com a marcação do dia e hora.

Material utilizado: Mesas, cadeiras, folhas brancas, canetas, marcadores coloridos, bem como outros objetos trazidos pela estudante (Um sapato, uma caneta, uma borracha, um caderno, uma flor, um marcador, um relógio, uma tesoura, um par de óculos, uma calculadora, uma carteira, um perfume, um livro, uma régua, um batom, um garfo, um colar, uma chupeta).

Dinâmicas a serem realizadas: “Autoqualificação”, “Sou em sapato” e “O Brasão da nossa relação”

Desenvolvimento da atividade: Inicialmente será pedido aos/às participantes que se sentem à volta das mesas junto dos seus pares. Irá ser feita uma breve apresentação da intervenção e de seguida realizar-se-á uma reflexão sobre a importância do nosso nome e posteriormente será sugerido a cada participante que escreva o seu nome e uma palavra iniciada pela primeira letra do nome relativa a uma qualidade sua e depois que faça o mesmo exercício com o seu par para depois apresentar ao grupo (Carvalho, 2012).

Depois de realizadas as apresentações, será pedido aos pares que escolham um objeto dos que estão distribuídos pela mesa e que enumerem uma qualidade relacionada com esse objeto que também se refira à relação que possuem entre eles⁵ (Brandes & Phillips, 1977).

⁵ Exemplo: a nossa relação é como um sapato porque é confortável, assim como eu me sinto na presença do meu avô.

Posto isto, será solicitado que elaborem um brasão (imagem em anexo) que espelhe a relação entre ambos (Minicucci, 1987), sendo que terão de desenhar no meio do brasão o objeto que escolheram e elaborar o restante com Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças dessa relação, baseado na Análise SWOT. Espera-se que esta ferramenta permita explorar forças internas de forma a responder a oportunidades e anular as ameaças para evitar os pontos fracos (Bowman, Singh & Thomas, 2002; Helms & Nixon, 2010.” (Nobre, 2016: 22-23). Desta forma, as forças representam os aspetos positivos da relação, os pontos negativos dizem respeito às fraquezas, as oportunidades referem-se aos aspetos externos que podem melhorar a relação e as ameaças são os aspetos externos que prejudicam a relação. Através deste exercício, será o momento ideal para os pares pensarem nas características positivas e negativas da relação que estabelecem e desse modo é possível a reflexão sobre a qualidade da relação e possíveis pontos de melhoria. Será solicitado que os pares partilhem com o grupo o desenho do brasão, explicando, se assim o entenderem, as razões das escolhas.

Em jeito de conclusão, será feita uma reflexão em grupo sobre as dinâmicas realizadas e a sua importância para refletir e partilhar opiniões sobre os laços familiares e a necessidade de serem trabalhados.

Num momento final, como método de avaliação, irá ser realizada uma auscultação através de um breve questionário a ser disponibilizado aos/às participantes.

Cuidados a adotar relativamente à infeção por COVID 19: Será obrigatório o uso de máscara, bem como a desinfecção das mãos à entrada na sala. Posteriormente será pedido aos/às participantes que se sentem nas cadeiras dispostas na sala à volta das mesas junto dos seus pares. As cadeiras irão estar dispostas de forma a proporcionar um distanciamento entre os/as participantes. Todos os objetos utilizados na sessão serão desinfetados antes e após a realização das dinâmicas.

Limitações: Prevê-se que esta atividade inclua apenas um grupo restrito de utentes por questões de restrições impostas pela Covid19 e por interesses dos/as próprios/as utentes e/ou seus/suas familiares.

No entanto, prevê-se que próximas atividades envolvam outros/as utentes, havendo a possibilidade de serem ajustadas e adaptadas, quer em termos de dinâmica, quer em termos de horário.

Observação: Esta atividade enquadra-se no Plano de Atividades Socioculturais da instituição, seguindo-se para o efeito os princípios éticos por esta previstos. Os/as participantes serão envolvidos/as de forma respeitosa e cordial, bem como informados/as sobre o funcionamento das atividades, sendo livres de abandoná-las, sem quaisquer consequências.

Referências utilizadas:

Brandes, Donna & Phillips, Howard (1977). *Manual de jogos educativos: 140 jogos para professores e animadores de grupos*. Lisboa: Moraes Editores.

Carvalho, Noeme (2010), *Dinâmicas para Idosos, 125 jogos e brincadeiras adaptados*. Brasil. Editora Vozes.

Minicucci, Agostinho (1987). *Dinâmica de grupo: teorias e sistemas*. São Paulo: Editora Atlas.

Nobre, Daniel (2016). Ferramentas estratégicas em uso: Uma investigação prática às empresas em Portugal. Dissertação de Mestrado. ISCTE Business School, Lisboa.

Anexo

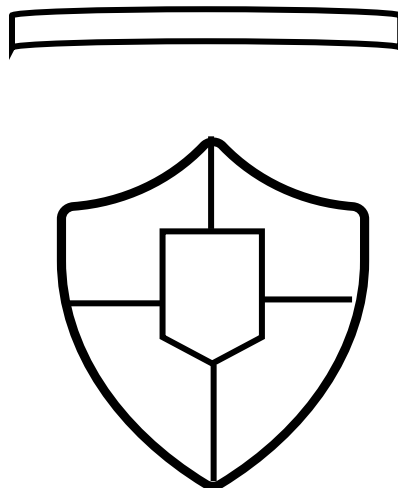


Imagem a ser utilizada na 3ª Dinâmica “O Brasão da nossa relação”

A estudante estagiária,

Márcia Sofia Martins Dantas (up201807193)

Apêndice 12 – Plano de Sessão da intervenção

Plano de Sessão

Designação da Intervenção: A(s) qualidade(s) da nossa relação

Carga horária: 1 hora/sessão

Público-alvo: Utentes do Lar e familiares

Data de Realização: 27 e 28 de janeiro de 2023

Tipologia: Dinâmica de grupo

Formato: Presencial

Moderadora: Márcia Dantas

Objetivo geral (OG1): Fortalecimento das relações familiares entre os/as idosos/as do Lar e seus/suas netos/as

Objetivos específicos:

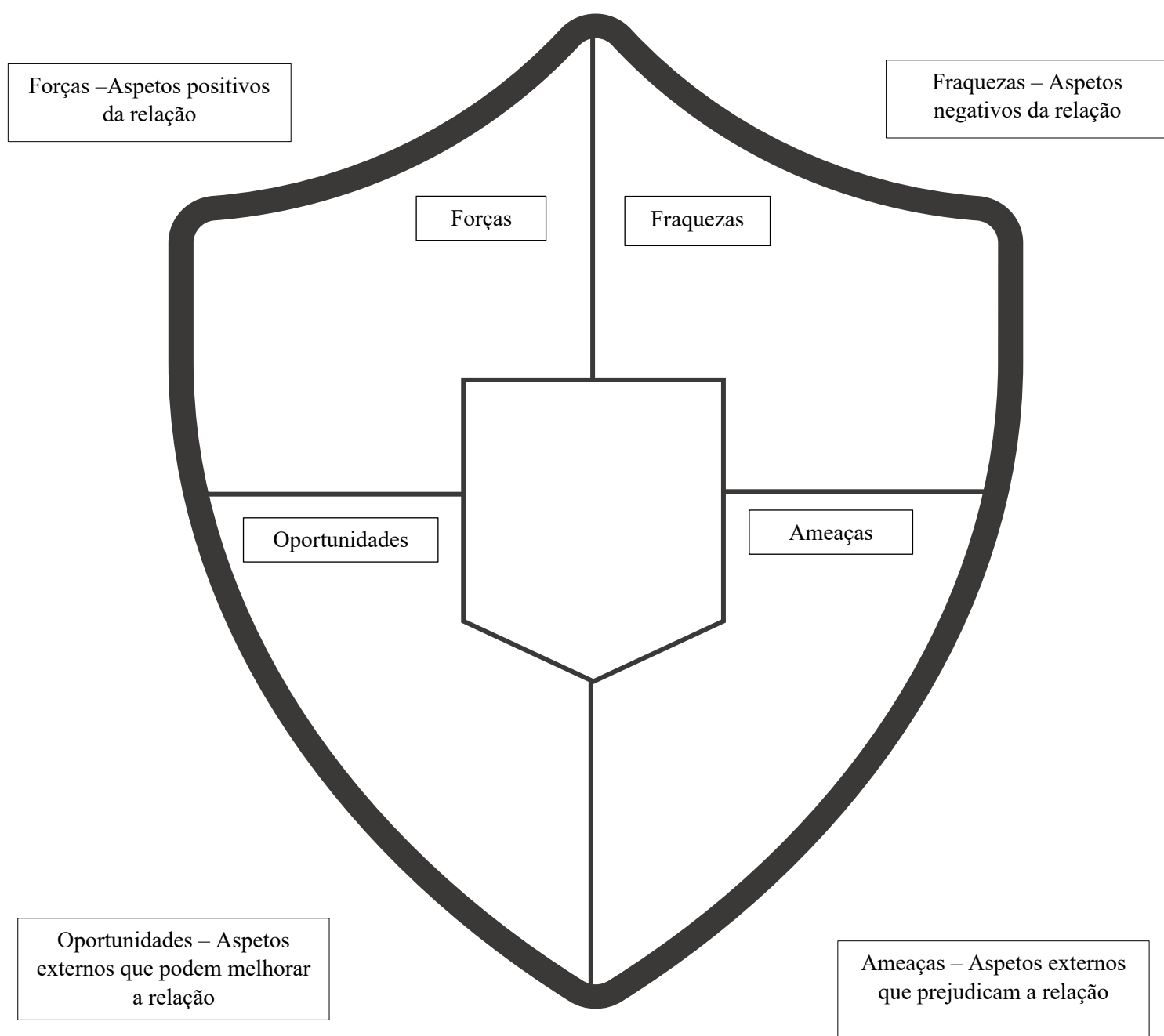
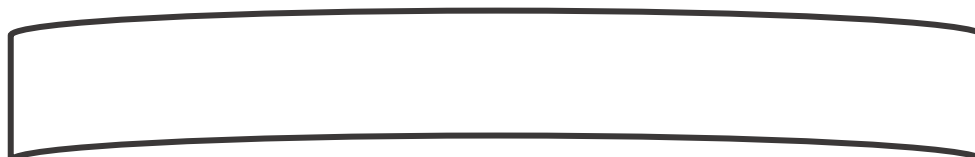
- OE 1.1: Promover a reflexão e a autoconsciência sobre a relação estabelecida entre os/as participantes
- OE 1.2: Refletir sobre as qualidades da relação dos/as participantes
- OE 1.3: Refletir sobre aspetos positivos e negativos da relação, bem como oportunidades de melhoria e ameaças que a podem prejudicar
- OE 1.4: Promover a reflexão sobre a importância da realização de atividades entre avós e netos/as para o fortalecimento das relações

Conteúdos Programáticos	Descrição das Atividades	Metodologia	Recursos Pedagógicos	Duração (tempo total min.)
Apresentação	Apresentação dos objetivos da intervenção e das dinâmicas a realizar.	-	-	5 min. (5)

1ª Dinâmica	“Sou um sapato” Pedir aos/às participantes que escolham um objeto dos que estão dispostos na mesa e enumerem uma qualidade relacionada com o objeto e que também faça referência à relação que possuem.	Ativa	Conjuntos de objetos dispostos na mesa: sapato, caneta, borracha, caderno, flor, marcador, relógio, tesoura, par de óculos, calculadora, carteira, perfume, livro, régua, batom, garfo, colar	15 min. (20)
2ª Dinâmica	“O Brasão da nossa relação” Pedir aos/às participantes que elaborem um brasão que espelhe a relação que estabelecem com base nos aspetos positivos (Forças) e negativos (Fraquezas) da relação, bem como os aspetos externos que podem melhorar a relação (Oportunidades) e os aspetos externos que a prejudicam (Ameaças). É também pedido que desenhem no meio do brasão o objeto escolhido na 1ª dinâmica e que coloquem no cimo do brasão uma frase ou palavra que caraterize a relação.	Ativa	Ficha de atividade “O Brasão da nossa relação”	25 min. (45)
Reflexão	Solicitar aos/às participantes que façam uma reflexão sobre as dinâmicas realizadas relativamente à sua importância para a reflexão e o fortalecimento dos laços familiares.	Ativa	-	7 min. (52)
Avaliação	Avaliação da intervenção Solicitar aos/às participantes o preenchimento da ficha de avaliação relativa à intervenção.	-	Documento de Avaliação da Intervenção	5 min. (57)
Encerramento	Agradecimento aos/às participantes pela participação na intervenção.	-	-	3 min. (60)

Apêndice 13 – Atividade realizada na intervenção “Brasão da nossa relação”

“O Brasão da nossa relação”



Apêndice 14 – Avaliação da intervenção



Avaliação da intervenção

O presente questionário serve para perceber se a atividade realizada correspondeu às suas expectativas de forma a refletir sobre a sua importância para o fortalecimento das relações familiares. Gostaria de solicitar o preenchimento do questionário de forma mais sincera possível através de uma **cruz** na opção que considerar corresponder à sua opinião.

Nenhuma das questões é obrigatória, sendo livre de responder às perguntas que quiser, assim como de desistir a qualquer momento.

Agradeço, desde já, a sua participação.

1. Avaliação da Intervenção

1.1. Esta atividade foi de encontro às minhas expectativas.

1	Não concordo	2	Não concordo nem discordo	3	Concordo em parte	4	Concordo
---	--------------	---	------------------------------	---	-------------------	---	----------

1.2. Esta atividade foi importante para refletir sobre a relação que tenho com o/a meu/minha avô/ó ou neto/a.

1	Não concordo	2	Não concordo nem discordo	3	Concordo em parte	4	Concordo
---	--------------	---	------------------------------	---	-------------------	---	----------

1.3. Estas atividades contribuem para o fortalecimento das relações familiares.

1	Não concordo	2	Não concordo nem discordo	3	Concordo em parte	4	Concordo
---	--------------	---	------------------------------	---	-------------------	---	----------

1.4. Senti-me confortável a realizar esta atividade.

Apêndice 15 – Tabela de Categorias e Subcategorias (Análise de Conteúdo Notas de Terreno)

Categorias	Subcategorias
Integração	Construção da identidade da estudante na instituição
	Recetividade dos/as técnicos/as
Espaços	Espaço físico da ERPI
Quotidiano dos/as utentes	Plano das atividades
	Realização das atividades
	Ocupação dos tempos livres
Diagnóstico da população	Conversa com os/as utentes
	Caraterização dos/as utentes
Conversas informais	Conversas informais com os/as idosos/as
	Conversas informais com os/as técnicos/as
Técnicas de recolha de dados	Reflexões
Horas de estágio	Organização
Relação estudante-equipa técnica	Partilha de ideias
	Funções dos/as técnicos/as
	Dificuldades no trabalho dos/as técnicos/as
	Aprendizagens
Quotidiano na instituição	Ocorrências
	Quotidiano da estudante na instituição
	Desentendimentos
Reflexões	Reflexões sobre o relacionamento entre utentes
	Reflexões sobre as dinâmicas na instituição

	Reflexões sobre constrangimentos
	Reflexões sobre a percepção que os/as utentes têm sobre o meu trabalho
	Reflexões sobre o meu processo de estágio na instituição
	Reflexões sobre a percepção que os/as idosos/as têm do Lar
	Reflexões sobre a percepção que os/as utentes têm da família e amigos/as
	Reflexões sobre a percepção que os/as utentes têm sobre as atividades
	Reflexões sobre a solidão
Relacionamento	Relacionamento entre utentes e profissionais
	Relacionamento entre utentes
Especificidades do trabalho em ERPI	Órgãos de poder
	Proximidade com os/as utentes
Processo de estágio	Participação em tarefas na instituição
	Desconfortos

Apêndice 16 – Tabela de Categorias, Subcategorias e Indicadores
(Análise de Conteúdo Entrevistas Utentes)

Categoria	Subcategorias	Indicadores
Institucionalização - representações	Palavras relacionadas com a família	Duas palavras que vêm à memória relacionadas com a família
	Residência	Com quem residia antes de entrar no Lar
	Opinião/Sentimentos	Opinião e sentimentos sobre viver no Lar
	Fins de semana	Diferenças entre fim de semana e dias da semana na instituição
	Técnicos e atividades	Importância da presença de técnicos e da realização de atividades ao fim de semana
Relacionamento com familiares	Proximidade dos familiares	Familiares mais próximos
	Visitas	Frequência de visitas dos familiares
	Saídas	Realização e frequência de saídas com familiares
	Relacionamento familiar	Mudanças no relacionamento familiar após institucionalização
	Relacionamento com filhos/as	Alteração do relacionamento com os/as filhos/as desde o nascimento dos/as netos/as
	Relacionamento com os/as netos/as	Relacionamento antes da institucionalização
		Relacionamento atual
		Mudanças no relacionamento depois da institucionalização
		Felicidade da relação com os/as netos/as
Contributos da ERPI	Estimulação das relações familiares	Atuações do Lar para estimular as relações familiares

	Melhoria das relações familiares	Possíveis atuações do Lar para uma melhoria das relações familiares
	Participação da família	Importância da participação da família nas atividades e dinâmicas do Lar
		Altura mais conveniente para a participação da família em atividades e dinâmicas do Lar
	Vivência no Lar	Melhoria da vivência no Lar
	Comentários	Comentários sobre algum aspeto que não tenha sido abordado

Apêndice 17 – Tabela de Categorias, Subcategorias e Indicadores
(Análise de Conteúdo Entrevistas Familiares)

Categoria	Subcategorias	Indicadores
Institucionalização – representações	Palavras relacionadas com a família	Duas palavras que vêm à memória relacionadas com avô/ó
	Entrada no Lar	Percepções sobre a entrada do/a avô/ó no Lar
Relacionamento com avô/ó	Visitas	Frequência de visitas ao/à avô/a
	Saídas	Frequência de saídas com o/a avô/a
	Relacionamento com avô/ó	Relacionamento com avô/ó antes da institucionalização
		Relacionamento atual
		Mudanças no relacionamento depois da institucionalização
Contributos da ERPI	Estimulação das relações familiares	Atuações do Lar para estimular as relações familiares
	Melhoria das relações familiares	Possíveis atuações do Lar para uma melhoria das relações familiares
	Participação da família	Importância da participação da família nas atividades e dinâmicas do Lar
		Altura mais conveniente para a participação da família em atividades e dinâmicas do Lar
	Melhoria da relação	Mudança de algum aspeto relativo à relação estabelecida com o/a avô/ó
	Comentários	Comentários sobre algum aspeto que não tenha sido abordado

Apêndice 18 – Tabela de Categorias, Subcategorias e Indicadores
(Análise de Conteúdo Grupo de Discussão Focalizada Profissionais)

Categoria	Subcategorias	Indicadores
Relacionamento com familiares	Visitas	Abordagem sobre frequência de visitas, familiares mais presentes e frequência semanal
	Saídas	Abordagem sobre frequência de saídas, familiares que saem com utentes e em que dias da semana
	Netos/as e bisnetos/as	Diferenças no relacionamento com netos/as e bisnetos/as
Institucionalização	Relacionamento familiar	Mudanças no relacionamento familiar após institucionalização
	Relação avós e netos/as	Relação avós e netos/as após institucionalização
		Impactos da institucionalização na relação entre avós e netos/as
Necessidades dos/as utentes	Famílias	Perceção sobre o que os/as utentes sentem falta em relação às suas famílias
Fins de semana	Comportamento e dinâmicas	Opinião sobre o comportamento e dinâmicas dos/as idosos/as na ausência dos/as técnicos/as
Propostas de mudança	Fortalecimento de laços familiares	Propostas de mudança relativamente ao fortalecimento de laços familiares entre utentes e familiares

Participação dos familiares	Atividades ao fim de semana	Opinião sobre a realização de atividades com a família aos fins de semana
Relações familiares positivas	Casos da instituição	Casos de relações familiares positivas na instituição